



**Universidade Aberta**

**Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares**

**Dissertação de Mestrado**

**Título:**

*“A visão da mulher asiática no século XVI através do olhar de Duarte  
Barbosa e de Tomé Pires”*

**Orientadora: Professora Doutora Ana Paula Menino Avelar  
De : Célia Maria Duarte Lourenço; aluna n° 701814**

**Oliveira do Hospital, 20 de Fevereiro de 2010**

Aos meus familiares, com amor  
Aos meus professores, com dedicação  
Aos meus colegas, com amizade

## Índice

Índice.....	3
Introdução .....	5
<b>Capítulo I – Duarte Barbosa e Tomé Pires: Comparando o <i>Livro das Coisas da Índia</i> e a <i>Suma Oriental</i> .....</b>	<b>7</b>
1. Duarte Barbosa e Tomé Pires na escrita de viagem quinhentista.....	7
2. Os percursos biográficos de dois homens na Índia.....	17
3. Visão comparatista das obras: <i>o Livro das Coisas da Índia</i> e a <i>Suma Oriental</i> .....	20
<b>Capítulo II – A mulher asiática - visão convergente e/ou divergente de Duarte Barbosa e de Tomé Pires .....</b>	<b>28</b>
1 – O corpo e a aparência.....	28
1.1 – Traços físicos.....	28
1.2 – Beleza e higiene.....	33
1.3 – Vestuário e adornos.....	38
2 – A sexualidade .....	45
3 – As aprendizagens e o trabalho.....	51
4 – Os papéis desempenhados.....	56
4.1. – Esposa, <i>manceba</i> , viúva, mãe e irmã.....	56
4.2. – Nos rituais.....	64

5 – Diversões e sociabilidade.....	75
6 – Confrontando o masculino.....	77
<b>Conclusão.....</b>	<b>87</b>

### **Índice dos Quadros e Mapa**

Mapa da área visitada e referenciada por Barbosa e Pires.....	27
Quadro I – Referências à cor da pele da mulher.....	30
Quadro II – Referências aos traços físicos femininos.....	32
Quadro III – Referências à beleza feminina.....	34
Quadro IV – Referências à higiene.....	36
Quadro V – Referências ao vestuário feminino.....	39
Quadro VI – Referências a adornos femininos.....	42
Quadro VII – Referências aos costumes sexuais.....	47
Quadro VIII – Referências às aprendizagens e ao trabalho feminino.....	53
Quadro IX – Referências aos rituais.....	67
Quadro X – Referências aos traços físicos masculinos.....	79
Quadro XI – Referências à cor da pele do homem.....	80
Quadro XII – Referências aos papéis desempenhados pelo homem.....	82
<b>Fontes impressas.....</b>	<b>91</b>
<b>Bibliografia consultada.....</b>	<b>92</b>

## Introdução

Há sempre razões que sustentam uma escolha. Neste caso, a opção por um estudo de género deriva, por um lado, do gosto e da curiosidade que os estudos sobre as mulheres sempre nos despertaram e, por outro, por constatarmos como, mesmo hoje, ainda são poucas estas incursões de âmbito historiográfico.

Debruçarmo-nos sobre as faces da mulher asiática tem um carácter inovador porque não existem estudos aprofundados sobre esta temática assim como também não existe investigação sobre o estudo de caso que nos propomos fazer.

De entre as muitas fontes possíveis, escolhemos duas figuras incontornáveis da escrita de viagens quinhentista: Duarte Barbosa e Tomé Pires, procuramos a sua obra e a sua bibliografia e propomo-nos fazer um estudo de caso comparatista entre *A Suma Oriental* de Tomé Pires e *O Livro das Coisas da Índia* de Duarte Barbosa.

A extraordinária riqueza informativa das duas obras levou-nos a encetar este estudo com o qual pretendemos, especificamente, revelar as imagens que estes portugueses, fascinados pelo Oriente, nos dão da mulher asiática nas suas várias facetas: no quotidiano, nas esferas privada e pública, a função que desempenha na hierarquia social, tentando contribuir, ainda que modestamente, para uma construção de um estudo de género.

Temos a noção de que esta abordagem do tema feminino não foi, ainda, feita e, muito menos, ela foi feita em Quinhentos. Os autores em questão não tinham como objectivo primeiro ou especificamente definido o tema da mulher. No entanto, nas suas exaustivas descrições não deixaram de referir a mulher e é sobre essa referência que delineamos o nosso estudo tendo, todavia, consciência que se trata de uma visão masculina sobre conjuntos de mulheres.

Tendo todos estes aspectos em consideração, damos início ao primeiro capítulo onde começamos por evidenciar a relevância das obras dos autores Duarte Barbosa e Tomé Pires na escrita de viagem quinhentista, seguidamente daremos a conhecer os percursos biográficos de Barbosa e Pires, verificando que foram contemporâneos e, apesar de não terem viajado exactamente pelos mesmos lugares, os seus destinos cruzaram muitos lugares em comum.

Chegaremos depois à questão em análise: a visão comparatista das obras: a *Suma Oriental e o Livro das Coisas da Índia*, tendo em conta que as duas obras, apesar de coevas, apresentam estruturas e características diferenciadas, expondo alguns aspectos comuns de análise, divergindo noutros vectores.

No segundo capítulo analisamos o modo como a mulher asiática foi descrita, procurando perscrutar a visão convergente e/ou divergente de Duarte Barbosa e de Tomé Pires, em diversas “faces” do seu olhar: o corpo e a aparência, os traços físicos, a beleza e a higiene, o vestuário e os adornos; a sexualidade; as aprendizagens e o trabalho; os papéis desempenhados, como esposa, *manceba*, viúva, mãe e irmã e a grande importância dos rituais.

Porque entendemos que para termos uma visão geral da análise sobre as gentes encontradas, também nos deveríamos centrar no olhar destes escrivães sobre o “masculino”, reservamos o ponto seis deste segundo capítulo para fazermos uma abordagem à forma como Barbosa e Pires viram o “homem”. Esta análise possibilitar-nos-á perscrutar com mais exactidão a visão sobre o “feminino”, uma vez que podemos comparar as duas visões: sobre o masculino e sobre o feminino. É através da elaboração de quadros sintetizadores sobre as referências específicas à mulher e ao homem por parte dos autores em análise, que elaboramos a nossa análise.

Mas, conheçamos um pouco melhor Duarte Barbosa e Tomé Pires.

## **Capítulo I – Duarte Barbosa e Tomé Pires: comparando o *Livro das Coisas da Índia* e a *Suma Oriental***

### **1. Duarte Barbosa e Tomé Pires na escrita de viagem quinhentista**

Duarte Barbosa e Tomé Pires integram o conjunto de portugueses que escreveram sobre as novas paragens. Segundo Luís Filipe Barreto:

“Os Descobrimentos são algo bem mais profundo que uma sucessão cronológica de descobertas e conquistas. O essencial da sua importância reside no facto de estabelecerem, pela primeira vez, um sistema permanente e global de comunicação entre as diferentes sociedades, de gerarem uma estrutura de trocas materiais e espirituais entre as diversas civilizações, fazendo assim emergir a realidade e ideia de Humanidade, isto é, de homem plural/global com uma unidade/identidade no para além de toda a diversidade”<sup>1</sup>

De facto, uma das heranças mais importantes da expansão ultramarina portuguesa de Quinhentos é a vasta produção escrita daí resultante. Trata-se de um extenso conjunto de obras (diários, roteiros, guias náuticos, relatos de experiências e de viagens, tratados de geografia) que, longe de ser homogéneo, encerra os mais diversos aspectos directamente relacionados com as navegações portuguesas, bem como a apreensão dos novos espaços, gentes e culturas contactados. Os

---

<sup>1</sup> Luís Filipe Barreto, *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber – Uma análise sociocultural*, 2ª Edição, Lisboa, Gradiva, 1989, p. 5.

Descobrimientos não foram uma empresa exclusiva dos portugueses, embora tivessem sido os pioneiros a estabelecer a rota marítima entre Portugal e o Índico, daí que também tenham sido eles a descrever as primeiras percepções dessa experiência.

Numa tentativa de compreensão e racionalização dos novos “mundos” descobertos, a escrita surge como um suporte de fixação, organização e divulgação das novas realidades experimentadas e vividas pelos viajantes portugueses, integrando-se num novo quadro cultural que rompe definitivamente com o horizonte mental limitado da Europa. Criou-se uma nova escrita que satisfaz, simultaneamente, aqueles que têm necessidade de descrever o que encontram de *novo* e aqueles que anseiam pelo seu conhecimento através da leitura.

Esta cultura dos Descobrimientos desenvolve-se no âmbito de um novo paradigma cultural para a Europa renascentista – em que o indivíduo é o principal sujeito do processo de conhecimento, sendo o sentido crítico e a experiência vivencial as suas principais ferramentas. Deste modo, um novo saber surge deste processo, apoiado na experiência pessoal dos “agentes” dos Descobrimientos. Nos seus escritos são-nos revelados os novos espaços, paisagens, floras e faunas, costumes e religiões. Observadores atentos das novas realidades, marinheiros, soldados, escrivães, religiosos, registavam o que viam, ouviam, presenciavam e indagavam/criando:

“uma consciência intelectual, intuitiva e prática, que não raras vezes afectava a cultura teórica.”<sup>2</sup>

Encontramos narrativas de viagens que descrevem os novos países visitados com uma minúcia extraordinária, com uma caracterização precisa, com pitorescas descrições, com perspicazes anotações de âmbito diversificado. É entre estas que se encontram as obras que aqui

---

<sup>2</sup> José Sebastião da Silva Dias, *Os Descobrimientos e a problemática Cultural do Século XVI*, Imprensa Universitária, Coimbra, 1973, p.53

analisamos, *O Livro das Coisas da Índia*, da autoria de Duarte Barbosa e a *Suma Oriental* de Tomé Pires. Estas obras figuram entre os mais importantes relatos do Oriente, dada a relevância das suas informações e reflexões sobre a presença dos portugueses nestas paragens bem como as representações por eles criadas destes novos “mundos” contactados e vivenciados. Elas foram no dizer de Luís Filipe Barreto:

“ Formuladoras das primeiras gramáticas civilizacionais globais das Índias.”<sup>3</sup>

O *Livro das Coisas da Índia*, da autoria de Duarte Barbosa é considerado, por Luís Filipe Barreto, o relato Quinhentista mais importante sobre o Oriente, trata-se de uma sistemática geografia humana e económica, a mais correcta descrição conseguida até então das zonas portuárias desde o *cabo de S. Sebastião*, na costa leste do continente africano até aos *Léquiou* ou *Gores* (arquipélago de *Riu Kiu*), último limite asiático conhecido.

Apesar de Eduardo Reis dizer que:

“O *Livro de Duarte Barbosa* pertence ao grupo daqueles relatos que o governo de Dom Manuel solicitava com toda a individualização para se informar suficientemente do que lhe conviesse saber acerca do mundo estranho.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Luís Filipe Barreto, *Descobrimientos e Renascimento - Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, p.144

<sup>4</sup> Eduardo Reis, *O Noticiário das Índias Duarte Barbosa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1948, p.49

Concordamos com Luís Filipe Barreto<sup>5</sup> que aceitando a genuinidade do prefácio de Barbosa na edição de Ramúcio, diz que o autor ofereceu o seu livro a todos os que desejassem informar-se sobre o Oriente, não se tratando portanto de uma encomenda régia. Esta obra deve ter nascido da admiração que o escrivão sentia pela Ásia e é consequência do seu desejo de informar os europeus sobre uma nova realidade, sendo um manancial extraordinário de informação de diversa ordem: geográfica, linguística, etnológica e económica. O seu relato é a descrição da Ásia viva e actual que os portugueses tinham acabado de encontrar, é um texto verdadeiramente “moderno”.

Escrito entre 1516 e 1518, é provável que dele tenha ficado uma cópia na Índia, o original deve ter sido religiosamente guardado em Lisboa até que a sua consulta foi necessária para as negociações sobre a questão das Molucas, que decorreram na Junta de Badajoz. Foi então confiado o original, ou uma cópia, a Martin Cinturion para que a traduzisse para castelhano com a colaboração do piloto luso Diogo Ribeiro. Em 1524 o trabalho estaria concluído, ficando assim conhecida a primeira tradução do *Livro de Duarte Barbosa*. A sua divulgação geral não foi imediata, contudo, temos vários dados que nos provam que esta obra foi do conhecimento dos seus contemporâneos. Gaspar Correia escreveu nas *Lendas da Índia*:

“não escreverei nada das terras, gente e trato porque houve alguns que n’isso se occuparão, de que vi alguns volumes e mormente um livro que d’isso fez Duarte Barbosa escrevão da feitoria de Cananor.”<sup>6</sup>

Também Damião de Góis na *Cronica do Felicissimo Rei Dom Manuel* a referencia:

---

<sup>5</sup> Cf. Luís Filipe Barreto, p.146

<sup>6</sup> Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Porto, Lello e Irmão, 1975, I. p.2

“quomo meu officio seja screver Chronica, &nam costumes de gentes nem historia geral remeto ho lector aho liuro que fez Duarte Barbosa em lingoa Portuguesa, dos costumes de toda a gente que há do cabo de Boa Sperença atte a China & Lequeos, no qual tratta dos costomes, cerimonias & seitas destes. Canaris & Bramannas & toda há gente do Malabar, assaz copiosamente.”<sup>7</sup>

Muito provavelmente, para além do uso por letrados foi, pelo facto de descrever detalhadamente a realidade económica, de consulta obrigatória para muitos dos que estavam ligados ao comércio oriental, caso de práticos e comerciantes. No entanto, da nossa leitura concluímos que *O Livro das Coisas da Índia* é, sobretudo, um verdadeiro tratado de Costumes, onde foram meticulosamente registadas as formas de vestir, falar, comer, sentir, das gentes que descreve, registando ainda as formas político-sociais, a demografia, as características físicas e ritos religiosos praticados. De notar que o nosso escrivão relata o que vê ou tomou conhecimento, não emite juízos de valor sobre os costumes ou os ritos religiosos, apesar de estar perante realidades culturais díspares das que conhecia. Aliás, ele confronta as realidades, asiática e europeia aceitando-as como válidas, apesar das diferenças. A importância da obra justifica as várias cópias manuscritas que dela foram feitas, bem como as versões impressas.<sup>8</sup>

Seguindo o minucioso exame de Maria Augusta da Veiga e Sousa, ficamos a saber que, esta obra, só no século XIX, conheceria versão

---

<sup>7</sup> Damião de Góis, *Cronica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1949, p.I, cap. XLII, p.96

<sup>8</sup> Consulte-se, a este propósito, a exaustiva análise de Maria Augusta da Veiga e Sousa na edição crítica e anotada de *O Livro de Duarte Barbosa*, Lisboa, Ministério da Ciência e Tecnologia, Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1996, Vol.I, pp. 20- 41

portuguesa pela iniciativa da Academia Real das Ciências em 1812, surgindo numa compilação de textos com o título: *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos Dominios Portugueses*. Ainda em Novecentos, em 1865, conheceu tradução inglesa, publicada por Lord Stanley of Alderley, com o patrocínio da Hakluyt Society. Já no século XX, em 1918, é publicado o primeiro volume de uma nova tradução inglesa, agora da autoria de um funcionário aposentado da Administração Civil da Índia, Mansel Longworth Dames e também patrocinada pela Hakluyt Society.

Também em Espanha, o livro é impresso, primeiro por António Blazquez e Delgado Aguilera, ainda que sob um título errado: *Fernando de Magallanes. Description de las costas desde Buena Esperanza a Leyquios*, e, em 1920 é publicado um excerto do manuscrito na *Coleccion General de Documentos relativos a las yslas Filipinas existentes en el Archivo de Indias de Sevilla*.

Na segunda metade do século passado, em Portugal, o Livro conheceu mais quatro versões impressas. Em 1961, Luciano Ribeiro, publicou uma cópia com o título *Uma Geografia Quinhentista*. Reis Machado publicou uma reprodução da versão impressa pela Academia das Ciências com o título: *Livro em que se dá relação do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Em 1989, com título semelhante: *Livro do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*, nova versão, agora uma leitura actualizada do manuscrito conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, por Maria Augusta da Veiga e Sousa e com comentário de Luís de Albuquerque sobre Duarte Barbosa e a sua obra.

Surge igualmente com o título *O Livro de Duarte Barbosa*, introdução e notas de Neves Águas, uma reprodução, com grafia actualizada e notas explicativas, da primeira edição portuguesa feita pela Academia Real das Ciências.

Finalmente, em 1996, a edição crítica e anotada com o título: *O Livro de Duarte Barbosa*, de Maria Augusta da Veiga e Sousa, que já citamos atrás. Atendendo ao facto do texto original ter sido interpolado, completado ou mesmo corrigido pelos sucessivos copistas, esta edição

crítica de Maria Augusta da Veiga e Sousa, onde consta toda a informação registada, levando em consideração todos os manuscritos conhecidos, reveste-se de grande utilidade para os estudiosos. Foi, por isso, este estudo que seguimos na nossa análise.

Na sua vasta obra dedicada aos cronistas da expansão portuguesa, nomeadamente no aturado estudo publicado com o título *Figurações da alteridade na cronística da Expansão*<sup>9</sup>, Ana Paula Menino Avelar faz jus à relevância da escrita de Duarte Barbosa como matriz da cronística portuguesa.

Por seu turno, a *Suma Oriental*, da autoria de Tomé Pires é um extenso tratado de geografia asiática, escrito nos anos anteriores (1512-1515), enquanto esteve ao serviço de El-Rei em Cananor e Malaca. De espírito curioso teve oportunidade de recolher vasta informação, de indígenas, de mercadores e capitães de embarcações de várias origens geográficas, com quem lidava por dever de ofício. A variedade e riqueza de informação da *Suma* são enormes do ponto de vista histórico. Aliás, muitas das descrições que Pires faz do Extremo Oriente, como alguns historiadores defendem, não foram ultrapassadas durante pelo menos dois séculos. Curiosamente algumas terras são mencionadas pela primeira vez com os nomes actuais, como, por exemplo, Singapura e Japão.

Segundo Armando Cortesão:

“o valor da *Suma Oriental* é em especial caracterizado pela nota de veracidade que através de toda ela se sente.”<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Ana Paula Menino Avelar, *Figurações da alteridade na cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003

<sup>10</sup> Armando Cortesão, *Primeira Embaixada Europeia à China*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1990, pp.24-25

O autor procurou inquirir informação até à exaustão e, quando não pode verificar ele próprio, escreve a informação que obteve de outros. Sustenta, ainda, Armando Cortesão que:

“Ao contrário do que julgava Ramúsio, Pires, nunca leu o *Livro* de Duarte Barbosa, mas este poderia ter lido a *Suma*.”<sup>11</sup>

A *Suma* revela um estilo sucinto e o olhar metuculoso do seu autor que registou os potentados mercantis da costa asiática meridional, as redes comerciais que os unem, as mercadorias exportadas e importadas, os governantes, as línguas, as religiões, os costumes. Segredos mercantis que o *Venturoso* precisava saber da sua Ásia. Efectivamente, Tomé Pires dedica a *Suma* a D. Manuel, sendo o seu tratado escrito de forma consciente *in usum Serenissimi Regis*, não para ser leitura atractiva mas sim útil. Por estas razões, provavelmente, enviou o original do seu escrito para Portugal, onde terá chegado em 1515/16. Julga-se que terá desaparecido nos arquivos régios, já que nos anos seguintes não se encontram referências suas na documentação. Contudo, uma cópia da obra, ou parte, foi encontrada entre 1525 e 1528 por um enviado do erudito veneziano Giovanni Battista Ramusio, que publicou em 1550 uma versão italiana do texto obtido. Para além desta cópia, de que se perdeu o rasto, foram feitas na época, que tenhamos conhecimento, mais duas, uma completa e a outra abreviada. O manuscrito extenso está numa biblioteca de Paris, onde foi descoberto, em 1937, pelo insigne historiador Armando Cortesão que publicou uma versão em inglês, em Londres, em 1944, pela Hakluyt Society e, só em 1978, uma edição em português, pela Universidade de Coimbra, com o título: *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*.

O manuscrito incompleto da *Suma* conserva-se na Biblioteca Nacional de Lisboa, dele foram retiradas a dedicatória a D. Manuel e as

---

<sup>11</sup> Ibidem, p.31

secções dedicadas a Malaca e à Insulíndia. Segundo Rui Loureiro<sup>12</sup>, os cortes – de informações de natureza estratégica e de referências ao Rei – feitos nesta cópia fazem sentido se entendermos esta como um documento de trabalho, onde eram recolhidas notícias sobre a vida mercantil, política e cultural da Ásia marítima, sendo suprimidos os trechos de natureza “doutrinária”, que nada acrescentavam em termos informativos. Assim sendo, diz Loureiro que o manuscrito de Lisboa é ainda um tratado bastante exaustivo sobre a geografia do litoral asiático entre o mar Vermelho e a cidade de Cantão, justificando a sua edição com o título: *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires*.

Tal como *O Livro de Duarte Barbosa*, a *Suma Oriental* é referenciada por Ana Paula Avelar<sup>13</sup>, na medida em que, também esta voz é matricial na nossa cronística. Sustenta esta historiadora, relativamente a Duarte Barbosa que:

“Os seus segmentos descritivos elaborados a partir do percurso que acompanha a geografia física, surgem a par da geografia humana dos lugares, numa busca idêntica à de Tomé Pires, de aproximação ao Outro.”<sup>14</sup>

Fazendo referência a Luís Filipe Barreto e a Armando Cortesão, a mesma investigadora, afirma<sup>15</sup> que Barbosa *parte dos sentidos* e da recolha de impressões, procurando sempre o rigor da informação, as suas palavras *procuram imitar as coisas e o lisível convida-nos a um visível do próprio mundo à mão* (Barreto:1983). Já Tomé Pires adoptaria um procedimento *técnico-prático, um estilo mecânico empregue por*

---

<sup>12</sup> Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires*. Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, pp.41-43

<sup>13</sup> Ana Paula Menino Avelar, *op.cit.*, pp. 120-125

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 126

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp.126-127

*qualquer artífice* (Cortesão: 1978). Avelar ainda afirma<sup>16</sup> que, relativamente a estas duas obras estudadas, encontramos dois discursos diferentes, o discurso Barbosiano patenteia o *fascínio pela orientalidade*, enquanto que a linguagem de Pires evidencia o vector *prático-mercantil* que enforma a sua condição.

No estudo referenciado, Avelar detecta a imagem da mulher asiática patente nos testemunhos de Barbosa e de Pires, deixando registadas algumas alusões ao feminino.

Também o historiador Joan-Pau Rubiés deu particular atenção ao *Livro das Coisas da Índia* e à *Suma Oriental* na sua obra *Travel and Ethnology in the Renaissance: South India through European Eyes, 1250-1625*<sup>17</sup>. Este insigne estudioso refere longamente Barbosa e Pires enquanto viajantes europeus na Índia bem como a importância do seu meticoloso discurso sobre as etnias, a política e a religião, destacando particularmente a importância do relato barbosiano sobre os ritos e os costumes seguidos pelas várias castas indianas. Rubiés não deixa de salientar que estes dois autores quinhentistas tiveram a percepção da diferença cultural encontrada e que ambos têm uma participação efectiva no nascimento do que ele designa por *etnografia colonial*.

Apesar das investigações e estudos enumerados, cremos que se justifica plenamente o tema que nos propomos abordar, porque ele é, ainda, um campo a desbravar, na realidade efectuar um estudo de género, encontrando a presença feminina nestes dois autores, está por fazer. Aliás, o tema da mulher, o feminino não foi ainda tema de uma investigação autónoma, tal como não estava presente, de forma deliberada, na centúria quinhentista.

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 127

<sup>17</sup> Joan-Pau Rubiés, *Travel and Ethnology in the Renaissance: South India through European Eyes, 1250-1625*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000, pp. 2-3, 20-27, 99-107, 152-176, 182, 200-215

## 2. Os percursos biográficos de dois homens na Índia

A partir das informações disponíveis acerca dos dados biográficos de Duarte Barbosa é possível constatar que existiram três indivíduos com o nome de Duarte Barbosa e que estiveram na Índia, ao serviço de Portugal, nas primeiras décadas de Quinhentos.

Segundo Luís de Albuquerque<sup>18</sup>, que partiu da aturada análise de historiadores como Sousa Viterbo e G. Schurhammer, existiu um Duarte Barbosa, sobrinho de Diogo Barbosa, que teria sido alcaide de Sevilha, e cunhado do navegador Fernão de Magalhães. Terá participado na viagem de circum-navegação e falecido nas Filipinas. Um outro Duarte Barbosa seria piloto na carreira da Índia e teria realizado duas viagens, tendo regressado da última à capital em 1527. Já em 1532, em Lisboa, teria recebido um despacho régio que lhe dava o ordenado pela sua actividade, tendo falecido em 1533.

Segundo Albuquerque o autor do *Livro* era o Duarte Barbosa escrivão da feitoria de Cananor que Gaspar Correia conheceu directamente na Índia e a quem identifica como autor do *Livro das Coisas da Índia*. Teria chegado a Cananor em 1511 e teria escrito o seu livro entre 1516 e 1518. Segundo Gaspar Correia:

“aprendeo tanto a lingoa dos Malauares que  
a fallava melhor que os próprios da terra”<sup>19</sup>

facto que o tornou destacado intérprete, mesmo ao serviço de Albuquerque.

Avelar<sup>20</sup> sustenta que Duarte Barbosa, em 1517, acompanharia o governador Lopo Soares ao mar Vermelho, voltando a Cananor no ano seguinte, ocupando o cargo de primeiro escrivão entre 1519-1520. Em

---

<sup>18</sup> Luís de Albuquerque, *Livro do que Viu e Ouvia no Oriente Duarte Barbosa*, p.174

<sup>19</sup> Gaspar Correia, ob.cit., 1, I, p.335

<sup>20</sup> Ana Paula Menino Avelar, ob. cit., p. 126

1529 ainda era escrivão e, dado o seu conhecimento da língua local, foi intérprete nas negociações de paz com o Samorim. A sua morte teria ocorrido entre anos de 1545 (na opinião de Luís Filipe Barreto), 1456/7 (na opinião de Luís de Albuquerque).

Tomé Pires, segundo Gaspar Correia, era “filho do boticário d’ElRey dom João”<sup>21</sup>, por essa razão, apesar da sua origem social modesta terá sido educado na Corte, fazendo ele próprio referência às “delicadezas em que me criei viciosamente”, e que não o prepararam para a dureza da vida ultramarina.<sup>22</sup> Seguiu a carreira do pai, Fernão Lopes de Castanheda escreveu que ele foi “boticairo do príncipe dom Afonso”<sup>23</sup>, primogénito de D. João II falecido em 1491. Afonso de Albuquerque também o refere, em 1513, como sendo “boticairo do príncipe”<sup>24</sup>, reportando-se, este, a D. João, futuro D. João III. Terá nascido provavelmente antes de 1470 não sabemos ao certo onde, talvez Leiria, talvez Lisboa.

A sua vida antes da partida para a Índia não é ainda muito conhecida. Gaspar Correia escreve que Pires era:

“homem muyto prudente, e muyto corioso de saber todas as cousas da India.”<sup>25</sup>

Na *Suma* faz várias citações dos Antigos, revelando formação livresca. Certo é que, a par de alguns estudos humanísticos, Pires era um conceituado boticário, provavelmente tendo feito aprendizagem empírica, pois não refere autores quando nos seus escritos fala de drogas e especiarias. O seu valor profissional mereceu a nomeação régia para

---

<sup>21</sup> Gaspar Correia, ob. cit., 2.IV.p.473

<sup>22</sup> *Carta de Tomé Pires a João Fernandes (Malaca, 7 de de Nov.1512)*, in *cartas de Afonso de Albuquerque*, ed. H.L.Mendonça & Bulhão Pato, vol.VII, Lisboa,1884-1935, p.59

<sup>23</sup> Fernão Lopes de Castanheda, ob.cit, liv.4,vol.I, p.876

<sup>24</sup> *Carta de Afonso de Albuquerque a D. Manuel I, 1513*, in *Cartas de Afonso de Albuquerque*, cit., vol. 1, pp.141-150

<sup>25</sup> Gaspar Correia, ob cit.,2.IV,p.473

“feitor das drogarias” na Índia, com um vencimento anual de “trinta mill reaes”, acrescidos de “vimte quimtaes de drogarias”.<sup>26</sup> O cargo era importante, Pires supervisionava a escolha, aquisição e acondicionamento das drogas asiáticas enviadas para Portugal, evitando o embarque de mercadorias de fraca qualidade. Terá partido para o Oriente em 1511, tendo viajado na armada de D. Garcia de Noronha. Ter-se-á instalado em Cananor, onde desempenhou as funções de feitor das drogas, foi chamado a Cochim por Afonso de Albuquerque que pretendia travar as irregularidades que estavam a ser cometidas pelos funcionários régios na praça de Malaca. Aqui chegou pelo mês de Julho de 1512 e lá permaneceu nos anos seguintes desempenhando as funções de escrivão da feitoria, contador e vedor das drogas, adquirindo grande conhecimento da terra. A sua estada em Malaca<sup>27</sup> apenas terá sido interrompida por uma expedição a Java, realizada entre Março e Junho de 1513, na qual serviu como feitor da armada, apesar de algumas passagens da *Suma* darem a entender que teve conhecimento vivencial de outras regiões do Sudeste Asiático.

Em 1515 preparava-se para regressar à Índia e até talvez, ao Reino, quando chegou o novo governador, Lopo Soares de Albergaria que trazia a incumbência de enviar uma armada sob o comando de Fernão Peres de Andrade para:

“assentar trato & amizade na China, & em  
Bengalâ.”<sup>28</sup>

Segundo Rui Loureiro, a expedição deveria transportar um embaixador, que seria desembarcado em Cantão, para a partir daí tentar

---

<sup>26</sup> *Carta de Tomé Pires a Afonso de Albuquerque*, 1513, ob.cit., vol.7, pp.4-7

<sup>27</sup> Malaca era um grande empório do comércio de especiarias com as Molucas, indo até lá navios de zonas distantes. O próprio Tomé Pires escreveu na *Suma* que não se conhecia porto comercial tão grande como o de Malaca, nem mercadorias de tão boa qualidade e tão valiosas.

<sup>28</sup> Fernão Lopes de Castanheda, ob.cit. Liv.3, vol.1,p.856

um contacto com o monarca chinês, estabelecendo as bases de um relacionamento pacífico, e mutuamente proveitoso para o Estado da Índia.<sup>29</sup> A escolha para embaixador recaiu em Tomé Pires por várias razões, entre eles destacam-se o facto de ser pessoa digna, embora de baixa condição, sendo facilmente sacrificável se a expedição corresse mal, sobretudo os seus conhecimentos profissionais permitiriam avaliar as muitas drogas que se dizia existirem no Celeste Império e avaliar o interesse do futuro relacionamento. Além destas razões, Pires era amigo de longa data do novo governador, Lopo Soares de Albergaria.

Segundo Rui Loureiro, em finais de Abril de 1516,<sup>30</sup> saía do Indústão a embaixada que levava a bordo o nosso feitor. Infelizmente, não regressaria desta viagem, terá falecido talvez por volta de 1527, em território chinês, depois de fracassada a missão de que ia incumbido.

### **3. Visão comparatista das obras *o Livro das Coisas da Índia* e a *Suma Oriental***

As obras em análise, apesar de coevas, apresentam estruturas e características diferenciadas. Sem termos a pretensão de fazermos aqui, um estudo exaustivo da estrutura das duas obras ou das razões que justificaram o interesse por elas demonstrado além fronteiras, esse será propósito de estudos subsequentes, queremos tão só registar uma breve análise comparatista do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*.

Duarte Barbosa, logo no prólogo, esclarece o seu propósito dizendo que trabalhou para que:

---

<sup>29</sup> Rui Manuel Loureiro, *A China na Cultura Portuguesa, do Século XVI – Notícias imagens e vivências*, vol. I., Lisboa, 1994-95, pp.381-465

<sup>30</sup> Ibidem, pp.392-398

“ os lugares e limites de todos aqueles reinos aonde estive pessoalmente, ou de que tive informações dignas de fe; e bem assim quaes sejam os reinos e paizes de mouros, quaes os de gentios e os seus costumes. Nem deixarei em silencio e seu trafico e as mercadorias que neles se acham os lugares aonde nascem e para onde se conduzem (...).”<sup>31</sup>

Efectivamente o seu relato identifica dezenas de “reinos” e dá um conjunto de notícias alargado sobre todos eles. Segundo João Marinho dos Santos, para Barbosa:

“Um reino é uma unidade territorial (cujos contornos físicos ou limites nem sempre consegue definir muito bem), habitada por gente com características físicas e culturais comuns (e sob esta perspectiva específica, fala de países), com uma apreciável organização política, administrativa, social e militar centrada numa realeza (que obedece a tradições, a costumes ancestrais e pratica ritos) e, obviamente, com uma economia que com maior ou menor dificuldade funciona. Destacam-se, naturalmente, os reinos cujas trocas logram alcançar, através da dimensão das suas cidades e vilas (quase sempre portos ou com ligação ao mar), áreas de influência

---

<sup>31</sup> Maria Augusta da Veiga e Sousa, op.cit., Vol.I, p. 48

consideráveis de acordo com a utilidade  
/valor das mercadorias.”<sup>32</sup>

A visão apresentada por Tomé Pires não difere da de Barbosa, ele próprio declara ser objecto da *Suma Oriental* falar da:

“repartiçam das partes provycias regnos  
regiõees e de suas comfromtaçoees mas  
aimda do tracto e comercio que humas tem  
com outras o quall trato de mercadoria hé  
tam necessario que sem elle nom se sosteria  
o mundo este hé o q nobrece os regnos que  
faz grandes as jementes e nobelita as cidades  
e o q faz a guerra e a paaz.”<sup>33</sup>

Pires era um mercador por excelência e, é por isso, que atesta que no Oriente o comércio era basilar para a prosperidade dos reinos, sendo os elementos de definição destes os mesmos que Barbosa utiliza.

Ana Paula Menino Avelar sustenta, relativamente a Duarte Barbosa que:

“Os seus segmentos descritivos elaborados  
a partir do percurso que acompanha a  
geografia física, surgem a par da geografia  
humana dos lugares, numa busca idêntica à  
de Tomé Pires, de aproximação ao Outro.”<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> João Marinho dos Santos; *Os Portugueses em Viagem pelo Mundo. Representações Quinhentistas de Cidades e Vilas*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996, pp. 99-100

<sup>33</sup> Armando Cortesão, *A Suma Oriental*, p.132

<sup>34</sup> Ana Paula Menino Avelar, *Figurações da alteridade na cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p. 126

Podemos, contudo, atestar que existe diversidade nos dois discursos, desde logo porque, enquanto Tomé Pires dedica a *Suma* ao rei D. Manuel, sendo o seu tratado escrito de forma consciente para dar conhecimento ao *Venturoso* dos segredos mercantis, pretendendo ser fundamentalmente uma leitura útil, Duarte Barbosa ofereceu o seu livro a todos os que desejassem informar-se sobre o Oriente. Assim, a sua escrita pode ser entendida como uma espécie de guia para todos aqueles que desejavam, mais do que conhecer, percorrer estas ilhas em missões oficiais ou particulares, onde o comércio teria papel central.

Avelar, fazendo referência a Luís Filipe Barreto e a Armando Cortesão, como aliás já anteriormente referimos, afirma que quanto a Barbosa:

“O seu processo parte dos sentidos, e da recolha destas impressões, combinando com o entendimento dos mesmos. Buscaria, com efeito, o rigor da informação, onde as palavras, *procuram imitar as coisas e o visível convida-nos a um visível do próprio mundo à mão* (Barreto:1983). Por seu turno, Tomé Pires seguiria um processo técnico-prático em que, partindo do que ele próprio afirma ser o seu processo de construção primeiro, isto é, o estilo mecânico empregue por qualquer artífice (Cortesão: 1978), a sua ordenação discursiva seria posteriormente filtrada pela verdade, partindo o seu conhecimento da impressão sensitiva.”<sup>35</sup>

Concordamos inteiramente com Avelar quando esta afirma que relativamente a estas duas obras estudadas:

---

<sup>35</sup> Ana Paula Menino Avelar, op.cit., pp.126-127

“Deparamo-nos, como é óbvio com dois discursos diferentes: na obra de Duarte Barbosa o fascínio da orientalidade seria o seu núcleo condutor, enquanto os aspectos prático-mercantis, fruto de uma vivência individual, e a estruturação de leituras, e formas de olhar os antigos sobre o diferente, enformam as palavras de Tomé Pires.”<sup>36</sup>

Consideramos que é precisamente o fascínio pela orientalidade que faz da obra de Duarte Barbosa um verdadeiro tratado de “Etnografia”, o seu discurso é riquíssimo de pormenores quando retrata costumes e rituais religiosos, como aliás Joan-Pau Rubiés<sup>37</sup> defendeu.

Já na obra de Pires, podemos dizer que o discurso antropológico se empobrece na asfíxica presença do económico. Desta forma, a *Suma* desenha sobretudo uma geografia económica. Apesar das categorias religiosas estarem presentes na descrição do *outro*, a sua frequência atenua-se mediante uma observação mais variada. Para lá da classificação religiosa, procura-se fazer uma análise socioprofissional e verificar se determinado reino tem uma maior vocação guerreira ou mercantil, conhecimento essencial para o sucesso das trocas comerciais. Mais que um saber religioso-filosófico, Tomé Pires procurava saber a alteridade de modo utilitário.

É exactamente este aspecto que diferencia as duas obras e os dois autores, pois o discurso de Barbosa é muito mais rico e abundante de descrições relativas à mulher, à sua aparência, aos costumes, à sexualidade, aos rituais.

---

<sup>36</sup> Ibidem, p. 127

<sup>37</sup> Joan-Pau Rubiés, op.cit., pp.201-215

Relativamente à organização estrutural das obras também há divergências. Seguindo a descrição de Cortesão<sup>38</sup> *A Suma* está dividida em cinco livros: No primeiro trata do Egipto a Cambaia, com o Mar Vermelho, Arábia, Ormuz e Pérsia; no segundo trata de Cambaia a Ceilão, com *Daquem* (Deccan), Goa, *Canará*, *Narsinga* e Malabar; no terceiro, de *Bengala à Indochina*, com *Brema* (*Burma* ou *Birmânia*) e *Sião*; no quarto, China a *Bornéu*, com *Lequeos* (Liu Kiu), Japão e Filipinas; o quinto, *Insulíndia*; e o sexto livro, Malaca.

Verificamos que o *Livro* de Barbosa<sup>39</sup> apresenta uma estrutura diversa daquela que é apresentada por Pires n' *A Suma*. Não temos aqui a organização em livros, mas sim uma descrição minuciosa desde o cabo de S. Sebastião, no Sul de África até ao país dos *Léqueos*.

Passemos à análise dos núcleos textuais das duas obras onde se espelham as imagens femininas.

Relativamente à *Suma*, encontramos referências à mulher no livro I, na *Descrição das Três Arábias, em Ormuz, na Pérsia* e no *Malabar*; no livro II, em *Goa*; no livro III, em *Pegu* e no *Camboja* e no livro IV, na *China*.

N' *O Livro de Duarte Barbosa*, as referências femininas são mais abundantes: no *Zimbaoche*, em *Quilôa*, em *Pemba*, *Mamfia* e *Zinzibar*, em *Maçuá*, no *Preste João*, na cidade de *Ormuz*, no reino de *Guzarate*, no reino de *Cambaia*, na cidade de *Cambaia*, em *Reinel*, em *Goa*, em

---

<sup>38</sup> Não partimos da análise da narrativa original da *Suma Oriental* mas sim, o texto em português, aquele que foi publicado em 1978 pelo historiador Armando Cortesão, após ter descoberto o manuscrito de Paris e a edição de Rui Loureiro de 1996, do manuscrito de Lisboa. Já referimos atrás que estes manuscritos divergem entre si, mas entendemos que se justifica a análise paralela, pois tal confronto possibilita apreender a voz do autor.

<sup>39</sup> Do *Livro* de Duarte Barbosa existem diversos manuscritos, como já reportamos, e de que deu notável conhecimento e análise a edição crítica feita por Maria Augusta da Veiga e Sousa.

*Bisnaga*, no *Malabar* onde a descrição é minuciosa, em *Bengala*, em *Aracangil*, no *Pegú*, em *Malaca*, em *Jaoa*, no *Maluco* e na *China*.

Não era propósito de nenhum dos autores fixar-se sobre a mulher asiática. A referência a vários grupos de mulheres deriva da análise meticulosa que os autores fizeram dos reinos, terras, lugares e suas gentes disponibilizando-nos grande riqueza informativa.

Neste nosso estudo procuramos fazer a análise comparatista das duas obras para, especificamente, revelar as imagens que estes portugueses, atraídos pelo Oriente, nos dão da mulher nas suas várias faces: no quotidiano, nas esferas privada e pública, a função que desempenha na hierarquia social, tentando contribuir, ainda que modestamente, para uma análise do estudo de género.

Dos lugares referenciados pelos autores se vislumbra que, embora o percurso seguido pelos dois não seja totalmente coincidente, a verdade é que eles estiveram, relataram e comentaram em e sobre muitos espaços comuns.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Consulte-se o mapa da página 27 que permite a visualização espacial dos principais lugares referenciados pelos dois autores



## **Capítulo II – A mulher asiática - visão convergente e/ou divergente de Duarte Barbosa e de Tomé Pires**

Neste segundo capítulo abordaremos a visão que os dois autores nos transmitem da mulher asiática. São nossos vectores de análise a aparência feminina, a sexualidade, as tarefas desempenhadas e os papéis representados pela mulher enquanto esposa, *manceba*, viúva, mãe e irmã.

Daremos particular atenção à representação feminina nos complexos rituais enunciados, seguidamente tratamos a sociabilidade feminina e, a finalizar o capítulo, confrontamos feminino e masculino.

### **1 – O corpo e a aparência**

Neste primeiro ponto é nosso propósito apresentar fisicamente a mulher asiática segundo a visão de Barbosa e de Pires, desde os traços fisionómicos, à higiene seguida e ao vestuário e ornamentos femininos usados.

#### **1.1. Traços físicos**

Tanto no *Livro das Coisas da Índia* como n’*A Suma Oriental* são numerosas as referências ao aspecto físico das mulheres asiáticas.<sup>41</sup> Barbosa e Pires salientam os traços físicos que lhes parecem dignos de nota para caracterizarem a mulher, obviamente diferente da europeia. Os dois autores viajaram por lugares de diferentes latitudes, em que o aspecto físico, a tez, o cabelo, os olhos, enfim os traços anatómicos divergiam.

---

<sup>41</sup> O termo asiático é aqui aplicado num conceito *lato sensu*, tendo em consideração que o litoral da África Oriental foi considerado pelos portugueses do século XVI, e durante muito tempo mais, parte integrante da “Ásia”. De facto, a costa oriental africana estava ligada à Arábia e à Índia, do ponto de vista político, cultural e económico.

Em *Maçua*, na região que designa *d'Arabia Felix*, Barbosa refere que os mouros são pretos. Esta é uma das poucas referências que encontramos à cor escura da pele, nas alusões seguintes, tanto deste autor, quanto de Pires, predomina a menção à pele clara, tantas vezes feita que evidencia a admiração de quem escreve.<sup>42</sup>

Ao referir-se ao *reino de Ormuz na Persia*, Barbosa diz que os homens e mulheres são brancos. Pires designa-as de mulheres alvas.

Também a cidade de *Ormuz em Persi*, Barbosa volta a fazer referência que tanto os homens como as mulheres são muito alvos.

Já sobre os gentios<sup>43</sup> do reino de *Guzarate* reporta que as mulheres são baças<sup>44</sup>, quase brancas.

Ao falar, com pormenor, das várias castas<sup>45</sup> existentes nos reinos do Malabar especifica a casta dos “mogeres” dizendo que as mulheres desta casta são brancas e gentis e acrescenta que isso acontece porque, na sua maioria, são filhas de homens brancos estrangeiros. O escritor não deixa aqui de explicar ao leitor a razão do tom mais claro da pele destas mulheres e, simultaneamente, faz a constatação da miscigenação, fenómeno tão associado à expansão ultramarina, neste caso no Malabar.

Sobre as feições e estatura dos *Pegus* e estabelecendo uma comparação entre homens e mulheres, Pires diz que as mulheres são mais brancas que os homens.

Barbosa, já na ilha de *Jaoa Maior* refere também que homens e mulheres são alvos.

---

<sup>42</sup> Veja-se o quadro I com referências dos dois autores à cor da pele das mulheres.

<sup>43</sup> Os nossos informadores utilizam o termo gentio para designar um grupo heterogéneo em que eram incluídos todos aqueles que não eram cristãos, judeus ou muçulmanos.

<sup>44</sup> Referência que indica a cor escura da pele.

<sup>45</sup> Barbosa faz na sua obra, como teremos oportunidade de constatar, a análise cuidada do sistema de castas do Malabar, desde as superiores: *brâmanes e naires*, às inferiores: *brabares, cujavem, mainatos, caletis, tuias, manen, canacas, ageres, mogeres, monquer, betunes, paneens, revolens, poleás, pareens, chatins e mapula*.

**Quadro I - Referências à cor da pele da mulher**

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>homens e mulheres são pretos. (Sousa:94)</i>		<b>Macuá</b>
<i>homens e mulheres são brancos. (Sousa:138)</i>	<i>mulheres allvas. (Loureiro:62)</i>	<b>Ormuz (Pérsia)</b>
<i>homens e mulheres muito alvos. (Sousa:151)</i>		<b>cidade de Ormuz</b>
<i>mulheres baças quasi brancas. (Sousa:182)</i>		<b>Guzarate</b>
<i>mulheres brancas. (Sousa:204)</i>		<b>Malabar</b>
	<i>Mulheres sam mais brancas que os homens. (Loureiro:106)</i>	<b>Pegu</b>
<i>mulheres são alvas. (Sousa:389)</i>		<b>Jaoa Maior</b>
<i>mulheres alvas e coradas. (Sousa:412)</i>		<b>China</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

Na China o nosso autor nomeia que ambos os géneros são brancos e repete que as mulheres são alvas e coradas.

Note-se a abundância com que são usados os adjectivos *alvo* e *branco* para comprovar a cor clara da pele na maioria das paragens enunciadas.

Para além da cor da pele outros traços físicos são assinalados pelos autores, Barbosa refere que no reino de *Guzarate* as mulheres dos gentios *são de muito bons corpos*, assinalando a boa constituição física feminina e no reino de *Cambaia* diz que as mulheres têm *muito bom cabelo*.<sup>46</sup>

Relativamente aos habitantes da cidade de *Bisnaga* referencia que os homens e mulheres têm boa estatura, revelando as suas feições semelhantes às fisionomias portuguesas. Esta comparação com os padrões conhecidos é usada para facilitar a compreensão dos seus leitores, mas é também a visão eurocêntrica do confronto com o *Outro* civilizacional que está patente.

Já Pires, fazendo jus ao seu sentido descritivo e subjectivo, faz referência a uma doença muito frequente nas regiões orientais, a elefantíase:

“Muita gente do Malavar asi bramines como naires e suas mulheres, e tabem a jente baixa, gerallmente há qurt ou a quinta parte de todos, tem as pernas muito grosas e imchadas de grande grosura, e morrem disso. Hé cousa fea de ver.”<sup>47</sup>

O seu pormenor descritivo vai ao ponto de enunciar as possíveis causas de tão feia, comum e fatal doença, a contaminação das águas e a promiscuidade das gentes do *Malabar*.

---

<sup>46</sup> Veja-se o quadro II com referências dos dois autores aos traços físicos femininos.

<sup>47</sup> Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa ...*, p.106

## Quadro II - Referências aos traços físicos femininos

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>mulheres de mui bons corpos e bom cabelo. (Sousa:182)</i>		<b>Guzarate</b>
<i>homens e mulheres de boas estaturas e de nossas próprias feições. (Sousa:60)</i>		<b>Bisnaga</b>
	<i>gente baixa (homens e mulheres. (Loureiro:106)</i>	<b>Malabar</b>
	<i>Mulheres sam asi mesmo dos corpos dos homens. (Loureiro:106)</i>	<b>Pegu</b>
<i>mulheres de bom coração e fermosos corpos e os rostos largos. (Sousa:389)</i>		<b>Jaoa Maior</b>
<i>Homens grandes e assi as mulheres. Mulheres de mui gentil coração e teem os olhos mui pequenos. (Sousa:412)</i>	<i>Os homens sam da nosa aluura &amp; deles tem os olhos pequenos e &amp; outs<sup>a</sup> gramdes. E narizes como ham de ser. (Cortesão:253)</i>	<b>China</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

Sobre as feições e estatura dos *Pegus* e estabelecendo uma comparação entre homens e mulheres, Pires afirma que as mulheres tem corpos semelhantes aos homens.

Barbosa, já na ilha de *Jaoa Maior* refere que as mulheres têm boa cara e rostos largos.

Finalmente, na *China* o nosso autor referencia que os autóctones são homens grandes, gentis, tal como as mulheres e na sua maioria, têm os olhos muito pequenos.

Também, no que diz respeito à China, Pires assinala que as mulheres têm uma altura igual à nossa e que têm os olhos pequenos, embora ressalve que algumas os têm grandes e apresentam narizes perfeitos.

Repare-se que Barbosa utiliza várias vezes o adjectivo *bom* que tem como objectivo reforçar a boa apresentação e compleição física dos naturais.

É evidente da análise efectuada que Barbosa menciona mais vezes do que Pires os traços femininos, a cor da pele e a características físicas. Mas, também, podemos dizer que Pires é mais minucioso nas suas descrições. No entanto, o discurso de ambos não deixa de estar em sintonia.

## 1.2 – Beleza e higiene

A beleza averiguada e a higiene seguida foram singularmente referenciadas pelos autores.<sup>48</sup> Começa Barbosa por assinalar os traços de beleza nas gentes que encontra na cidade de *Ormuz em Persia* dizendo que são formosos, tanto homens como mulheres. Pires corrobora esta opinião, dizendo que na cidade de *Ormuz* há formosas mulheres e utiliza

---

<sup>48</sup> Confrontem-se os quadros III e IV com referências dos dois autores à beleza e à higiene femininas.

### Quadro III - Referências à beleza feminina

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>são fermosos e gente mui bem apessoada, assi homens como mulheres. (Sousa:151)</i>	<i>fremosas mulheres. (Loureiro:62)</i>	<b>cidade de Ormuz</b>
	<i>fremosas mulheres. (Loureiro:65)</i>	<b>cidade de Xira</b>
<i>mulheres mui fremosas e delicadas. Na cabessa não põem nada senão seu cabelo muito bem apanhado sobre ela. (Sousa:180)</i>		<b>Guzarate</b>
<i>fremosas mulheres. (Sousa:191)</i>		<b>reino de Cambaia</b>
<i>Mulheres fremosas. (Sousa:208)</i>		<b>cidade de Cambaia</b>
<i>Fermosas mulheres. (Sousa: 226)</i>		<b>Reinel</b>
<i>Mulheres fremosas e de grande presunção. (Sousa:64)</i>		<b>Bisnaga</b>
	<i>Mulheres sam mais fremosas. (Loureiro:134)</i>	<b>Pegu</b>
<i>As mulheres têm fermosos corpos. (Sousa:389)</i>		<b>Jaoa Maior</b>
	<i>As mulheres andam tosquiadas polas orelhas, por gentilleza. As mulheres usam os cabelos compridos em Rodilhados p<sup>o</sup> gentill maneira. Poem muyto aluayade nas faces he arrebiqe sobre elle. (Cortesão:253)</i>	<b>China</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

a mesma expressão para classificar as mulheres da cidade de *Xira*, na *Pérsia*.

Já relativamente aos *gentios baneanes* do reino de *Guzarate*, Barbosa explica que as mulheres são formosas e delicadas e o mesmo diz das mulheres dos mouros do reino de *Calecute*, das naturais da cidade *Cambaia*, das mouras de *Reinel* e das gentes de *Bisnaga*.

Ao referir as feições das mulheres dos *Pegus*, Pires também utiliza o adjectivo *formosas* e Barbosa, aludindo ao reino de *Jaoa Maior* refere que as mulheres têm formosos corpos.

A caminho da China, Pires quedando-se no reino de *Cambojaa* dá nota do estilo de corte de cabelo usado pelas mulheres que denuncia uma moda comum e, já na *China*, detendo-se igualmente nas preocupações com a aparência e beleza femininas refere que as mulheres usam os cabelos compridos e penteados em cima da cabeça e ainda nota que usam produtos para embelezar o rosto.

A adjectivação constante de *formosa* revela a preocupação de relatar e transmitir a beleza reconhecida às asiáticas, não esquecendo que temos dois homens a analisar a formosura feminina e dois portugueses, cujos padrões de beleza seriam aqueles por si já conhecidos.

Os hábitos de higiene também são devidamente assinalados por Barbosa. Começa por referir os *gentios baneanes* do reino de *Guzarate* dando nota de um cerimonial de purificação através do banho que, duas vezes por dia, lava o corpo e alma, dos homens e das mulheres.<sup>49</sup>

Relatando acerca dos *Costumes do Rei e das Gentes da Terra de Bisnaga* refere que as mulheres que vivem no paço do rei tomam banho duas vezes por dia e untam-se com substâncias naturais de efeito tónico para a pele.

Detendo-se demoradamente numa região que conheceu bem, o Malabar, descreve com minúcia a casta *naire* no *Titulo dos Costumes e*

---

<sup>49</sup> O banho ritual aqui referenciado é uma das características da religião hindu. A purificação com água é um aspecto típico de muitos actos religiosos do hinduísmo.

#### Quadro IV - Referências à higiene

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>Lavam-se cada dia duas vezes, assi homens como molheres. (Sousa:180)</i>		<b>Guzarate</b>
<i>As molheres banham-se cada dia em tanques e untam-se com sândalos e aloés.(Sousa:65)</i>		<b>Bisnaga</b>
<i>As molheres nairas lavam-se com agoa quente e vestem panos lavados. Quando parem sam logo lavadas com muitas agoas quentes e frias. (Sousa:187)</i>		<b>Malabar</b>
<i>Moças muito lavadas com muitos cheiros e frores. (Sousa:330)</i>		<b>Aracangil</b>

(Todas as citações são retiradas da edição já referida do *Livro das Coisas da Índia*)

*Liberdades dos naires* e refere que quando estas mulheres estão com o período menstrual se mantêm resguardadas durante três dias e que depois se lavam várias vezes e vestem roupas lavadas e, só depois, se voltam a socializar com os familiares. Acrescenta que, quando dão à luz, são de imediato lavadas e, nos três dias seguintes, também lavadas da cabeça aos pés.

Como se vê o escrivão dá realce aos cuidados com a higiene feminina em alturas muito íntimas da vida da mulher, cuidados que contrastavam com os costumes seguidos na Europa e, particularmente, em Portugal, onde prevalecia a ideia que o banho fazia mal durante o período menstrual e após o parto.<sup>50</sup> Daí que muito assertivamente ele constate que não era por se lavarem nessas alturas que as mulheres morriam mais do que em Portugal, denunciando assim a sua argúcia na observação dos hábitos divergentes e até a crítica em relação aos nossos costumes supersticiosos.

Na descrição do reino de *Aracangil*, ao retratar com detalhe um costume seguido pelos governadores das cidades, segundo o qual eles tomavam para si doze meninas, refere que elas são lavadas e perfumadas várias vezes ao dia e vestidas com roupas limpas.

O adjectivo *limpo* é usado frequentemente no discurso barbosiano o que patenteia a conduta asseada, por si verificada entre os naturais, que não é alheia a preceitos religiosos e, particularmente, a preocupação com a higiene feminina. Neste aspecto analisado verificamos similitude na descrição quando os dois informadores aludem à beleza das orientais. Ambos se revelam extasiados e quiçá admirados com a beleza feminina avistada, para eles a formosura está claramente associada a um traço físico referido no ponto anterior: a alvura da pele. Este facto não é estranho uma vez que a sua perspectiva é eurocêntrica.

---

<sup>50</sup> Esta ideia supersticiosa esteve arreigada ao nosso povo, sobretudo dos meios rurais, até ao século XX. Ainda recentemente era comum ouvir as mulheres/mães fazerem estas recomendações às filhas.

Já quanto aos cuidados com a higiene pessoal, apenas Barbosa nota abundantemente essa particularidade, ou não fosse ele um excelente descritor de costumes.

### 1.3 – Vestuário e adornos

A forma como a mulher asiática se vestia e se adornava também despertou interesse entre os nossos autores, que profusamente descrevem usos e gostos.<sup>51</sup>

Ainda na descrição do *grande reino de Monomotapa*, Barbosa conta que as mulheres gentias destas paragens andam nuas e apenas cobrem a zona púbica, se são solteiras, e também os seios, se são casadas. Esta é a única referência do autor à nudez e à parca indumentária feminina, o que não estranha, porque ainda se trata da costa oriental africana enquanto a maioria dos seus relatos ocorre progressivamente em regiões mais a leste.

Prosseguindo, ainda na costa oriental africana, reportando-se a *Quiloa* admira-se com a indumentária dos homens e mulheres *mouros*, dizendo que andam bem vestidos, de ricos panos de ouro e de seda e, particularmente as mulheres com grandes adornos de ouro ao pescoço, nas orelhas, nos braços e nas pernas. Semelhante referência é usada para a cidade da ilha de *Mombaça*, em que diz que as mulheres andam muito bem vestidas de seda e adornadas de ouro e de pedras preciosas. Também para as ilhas de *Manfia*, *Zanzibar e Pemba*, onde nota que as mulheres dos *mouros* têm muitas jóias de ouro e de prata e andam vestidas de seda.

Já aludindo aos muitos lugares e ilhas que o rei de *Ormuz* tem ao longo da costa da *Pérsia*, refere que homens e mulheres usam roupas compridas de algodão, de seda, de grã<sup>52</sup> e chamalote.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> Confrontem-se os quadros V e VI com referências dos dois autores ao vestuário e aos adornos femininos.

<sup>52</sup> Tecido tingido de cor escarlate.

<sup>53</sup> Tecido de lã e seda.

## Quadro V - Referências ao vestuário feminino

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>As mulheres andam nuas, somente cobrem suas vergonhas com panos d'algodao, emmentes são solteiras e como são casadas lançam outros panos por cima dos peitos.</i> (Sousa:60)		<b>Monomopata</b>
<i>Os mouros andam ataviados de ricos panos d'ouro e de seda.</i> (Sousa:70)		<b>Quíloa</b>
<i>As mulheres andam mui bem ataviadas de panos de seda e d'ouro.</i> (Sousa:72)		<b>Mombaça</b>
<i>As mulheres andam vistidas de panos de seda.</i> (Sousa:81)		<b>Manfia, Zanzibar e Pemba</b>
<i>Assi homens como mulheres vestem-se de roupas compridas de panos d'algodao e de seda e grã e chamelotes.</i> (Sousa:138)		<b>costa da Pérsia</b>
	<i>Se louvao as mulheres discretas e ataviadas.</i> (Loureiro:65)	<b>Xiras</b>
<i>Seus trajos são de seda, assi compridos como os maridos. Trazem uns sainhos de pano de seda de mangas estritas, abertos polas espadoas e outros panos grandes, que chamam chaudes, que elas lansam por sima de si como mantos. Andam sempre descalças.</i> (Sousa:182-183)		<b>Guzarate</b>
<i>Mulheres mui bem ataviadas.</i> (Sousa:191)		<b>Reino de Cambaia</b>
<i>Gente muito polida e acostumada a muitos bons trajos.</i> (Sousa:209)		<b>Cidade de Cambaia</b>
	<i>As mulheres são generosas no vestir.</i> (Loureiro:98)	<b>Goa</b>
<i>As mulheres ataviadas trazem um pano de algodão branco e muito</i>		

<i>delgado ou de seda e de boas cores (...) cingem parte dele da cinta pera baxo, e a outra voltam para cima de um ombro e polos peitos (...) a maior parte da gente muito rica e ataviada. (Sousa: 62-63)</i>		<b>Bisnaga</b>
<i>Molheres bem ataviadas e galantes (...) vestidas da cinta para baxo com seus panos de seda e outros de algodão e, da cinta pera cima nuas. (Sousa:131,204)</i>		<b>Malabar</b>
<i>mulheres mui bem ataviadas.(Sousa:330)</i>		<b>Aracangil</b>
<i>As mulheres trazem ceroulhas.(Sousa:335)</i>		<b>ilha de Cape</b>
<i>As mulheres andam mui bem ataviadas e vestidas de panos de seda; os trajos assi como de framengos. (Sousa:412)</i>	<i>As mulheres parecem castelhanas tem sayas de Refegos &amp; cosas e sainhos mais compridos que em nossa terra. (Cortesão:253)</i>	<b>China</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

Sobre a cidade de *Xiras*, na *Pérsia*, tem Pires uma nota curiosa quando assinala que aprecia as mulheres por se adornarem de forma discreta.

No reino do *Guzarate*, fazendo menção às mulheres dos *gentios baneanes*, Barbosa explica que elas usam traje de seda, compridos como os dos maridos, pormenorizando a descrição deste vestuário. Escreve que andam descalças e que usam muitos adereços de ouro e de prata. Acrescenta ainda que quando saem à rua, o fazem com a cabeça encoberta com os panos tal como as mulheres portuguesas fazem com os seus mantos.

Do reino de *Cambaia* Barbosa escreve que as mulheres dos *mouros*<sup>54</sup> andam muito bem *ataviadas*. Especificamente da cidade de *Cambaia* refere que aqui há gente muito *polida* que usa bom traje e que, homens e mulheres, colocam flores nos cabelos.

Por sua vez, Pires relata que em *Goa* as mulheres *são generosas no vestir*. Expressão que atesta a qualidade do vestuário usado. Chegado à cidade de *Bisnaga*, Barbosa narra os *Custumes do Rei e das Gentes da Terra* reportando detalhadamente a indumentária feminina, vestuário, calçado, penteado, detendo-se pormenorizadamente a descrever os adornos, uma vez mais, de ouro e pedras preciosas (rubis, safiras).

Constatamos a riqueza descritiva desta passagem sobre o vestuário e adornos femininos o qual nos permite visualizar estas vaidades feminis. A riqueza ostentada por estas mulheres leva Barbosa à óbvia conclusão: *é gente muito rica e ataviada*.

Já nas terras do Malabar, ao descrever as mil mulheres de el-rei de *Calecute* diz que elas se apresentam *bem ataviadas*, passando a enumerar a indumentária de algodão e de seda, a forma de se pentearem e as jóias usadas.

Reportando-se às mulheres da casta *moger* repete que andam *bem ataviadas* e com jóias de ouro, não se eximindo de referenciar as

---

<sup>54</sup> Os autores, tal como em geral os portugueses de Quinhentos, chamavam mouros a todos os muçulmanos que encontravam.

## Quadro VI - Referências a adornos femininos

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>Molheres com grandes cadeas e manilhas d'ouro ao colo e nos braços e pernas e orelhs. (Sousa:70)</i>		<b>Quiloa</b>
<i>Molheres andam mui bem ataviadas d'ouro e de pedraria. (Sousa:72)</i>		<b>Mombaça</b>
<i>Suas mulheres teem muitas jóias (...) a saber orelheiras, cadeas pêra o pescoço e braceletes e manilhas.(Sousa:81)</i>		<b>Manfia, Zanzibar e Pemba</b>
<i>As mulheres trazem na spernas manilhas de ouro e de prata mui grossas e nos dedos dos pees e mãos, muitos anéis e muitas contas e coraes grossos nos braços (...) trazem mui grossas argolas de ouro e prata. (Sousa: 182-183)</i>		<b>Guzarate</b>
<i>Trazem (antre) os cabelos, assi homens como mulheres, frores de gezemim e de outras sortes que la há. (Sousa:209)</i>		<b>cidade de Cambaia</b>
<i>As mulheres trazem na cabeça muita sfrores e cheiros. E nos narizes usam um pequeno buraco com ua das ventas e nele um fio d'ouro com um pendente de ua pérola ou robí furado ou çafira. E as orelas furadas e em elas muita pedraria em ouro ou de ouro e perlas. E nos braços braceletes do mesmo teor e ouro e sartas de coral muito fino (...) e muitos anees nos dedos com pedras preciosas (...) cintas de ouro com pedraria e manilhas de ouro nas pernas. (Sousa:62-63)</i>		<b>Bisnaga</b>
<i>As mulheres com colares e jóias d'ouro mui ricas e manilhas d'ouro nas pernas e muitos braceletes e anéis (...) e nos cabelos</i>		<b>Malabar</b>

<p><i>muitos frores (...) Trazem orelhas furadas, muito ouro e pedraria nelas. Mulheres co jóias d'ouro Gente mais baixa e cível (...) trazem assi orelhas como no colo e nos braços muito latão mourisco e braceletes de contas. (Sousa:131,204,217-218)</i></p>		<p><b>Malabar</b></p>
	<p><i>As mulheres lançam no cabelo muytos pregos Douro pa os ter &amp; aRedor. Da pedraria quem há tem E sobre a moleira joyas Douro E nas orelhas e pescoço (...) trazem todas avanõs nas maaõs. (Cortesão:253)</i></p>	<p><b>China</b></p>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

mulheres de condição social mais baixa, *que chamam revolens*, que usam enfeites de latão mourisco.

Já no reino de *Aracangil*, ao referir-se às doze meninas que o rei toma, refere que andam muito bem vestidas. Na breve descrição que faz da pequena ilha *Cape* refere que as mulheres usam *ceroulhas*.<sup>55</sup>

Finalmente chegado ao grande reino da China relata uma vez mais, que as mulheres andam *mui bem ataviadas*, com de panos seda e compara a sua roupa ao traje flamengo, utilizando novamente, a imagem do conhecido, para melhor se fazer entender ao leitor.

Por sua vez Pires, olhando mais demoradamente as chinesas utiliza, também, como tantas vezes fez, a comparação, dizendo que as chinas parecem castelhanas, com as suas saias, embora sejam mais compridas. Repara no penteado elaborado e na forma como se adornam com jóias de ouro, no calçado e no pormenor do uso de leques.

Nesta descrição sobre o vestuário e os adornos mais uma vez se afere a profusão das referências de Duarte Barbosa.

Pires é mais contido, em muitos lugares não reporta sequer a indumentária feminina. Exceptuando-se, como já tínhamos notado, as descrições que faz das chinesas. Aquele que foi o nosso primeiro embaixador a estas paragens, é extremamente descritivo da forma como as *chinas* se adornam.

Segundo os relatos apresentados, podemos concluir que a mulher asiática tem muito cuidado com o vestuário e com a sua apresentação de forma geral, a riqueza nas vestes e ornamentos que apresenta é tanto mais evidente quanto é mais elevada a categoria social a que pertence. É de notar, também, que o exemplo europeu é usado, amiudadas vezes, para permitir o confronto do novo com o já conhecido, repare-se nos vários exemplos que são referenciadas as mulheres portuguesas, flamengas e castelhanas.

---

<sup>55</sup> Ou *suruçes*, provavelmente trata-se de *sarongues*, indumentária de cor, de seda ou algodão, com que se cingem alguns povos orientais, especialmente as mulheres.

## 2 – A sexualidade

Os costumes sexuais constatados nas várias paragens prenderam a atenção dos nossos autores, sobretudo pela divergência que eles reflectem face à realidade europeia.<sup>56</sup>

Falando das terras da *Pérsia*, Tomé Pires relata que os persas tem *muitas mulheres*, ao referir-se longamente ao *Xequê*<sup>57</sup> usa a mesma expressão e a mesma nota deixa relativamente ao rei de *Cambaia*. Depois destas referências poligâmicas há uma alusão à monogamia praticada em *Goa*, afirmando o autor que os gentios têm apenas uma mulher. Já sobre o *Malabar* reporta que os reis casam as vezes que querem e que, depois de serem suas, podem dar as suas mulheres a homens honrados.

Ao fazer referência às castas superiores dos *bramânes*<sup>58</sup> e dos *naires*<sup>59</sup> Pires refere que as mulheres dos brâmanes apenas mantêm relacionamento sexual com os seus maridos. O nosso embaixador especifica que as *nairas* não casam e quantos mais parceiros vão tendo ao longo da vida mais consideradas são socialmente. Relata ainda este autor uma prática comum às jovens adolescentes *naires*, que perdem a virgindade com um jovem da sua casta, salientando que tem sucessivamente vários companheiros.

Discurso muito semelhante tem Barbosa a propósito deste passo. Detendo-se, como já sabemos, mais demoradamente na região do Malabar e nos costumes aí seguidos, o nosso escrivão registou a forma como as jovens irmãs dos reis perdiam a virgindade, salientando a forma livre como viviam, tendo vários companheiros sexuais ao longo da vida, dos quais tem os filhos.

---

<sup>56</sup> Veja-se o quadro VII com referências dos dois autores aos costumes sexuais.

<sup>57</sup> Chefe muçulmano.

<sup>58</sup> Membros da casta sacerdotal, a primeira das castas hindus.

<sup>59</sup> Aborígenes do sudoeste da Índia e que vieram a constituir a casta nobre e militar do Malabar, a segunda em importância, logo a seguir aos brâmanes.

O nosso escrivão descreve, de forma isenta, a liberdade sexual destas mulheres de casta superior, estes costumes, tão diferentes dos europeus quanto à sexualidade não lhe merecem a mais leve nota depreciativa. Pura e simplesmente descreve, com extrema objectividade o registo sobre a poligamia tão comum nestas comunidades.

Mais à frente referindo-se aos *bramenes* do reino de *Calecute* diz que estes guardam bem as suas mulheres e nenhum outro homem lhes toca. Trata-se evidentemente de um grupo superior, que ocupa o topo da pirâmide social, daí a diferença que Barbosa nota. Acrescenta depois que os rapazes, desta casta, que não casam podem ter relacionamento sexual com as *nairas*. Novamente o nosso escrivão revela extrema objectividade no seu relato.

Remetendo para a casta militar dos reinos do *Malabar*, os *naires*, diz que as mulheres podem manter relações com brâmanes e *naires*, mas nunca com castas inferiores, delito que era inclusivamente punido com pena de morte.

Descrevendo um curioso ritual – de que daremos nota mais à frente – praticado pelas mães *naires* fazem com as filhas de 12 anos. Barbosa denota com absoluta imparcialidade o facto de a virgindade destas raparigas ser *mal vista*, relatando que era considerada como *cousa suja e quase vileza*. Este facto pareceria muito estranho a olhares europeus, já que a virgindade feminina era, e foi durante séculos, muito prezada nas sociedades europeias.<sup>60</sup>

Segue esta descrição extremamente objectiva, descrevendo a poligamia e a poliandria, dizendo que tais práticas são comumente aceites.

---

<sup>60</sup> As sociedades europeias prezavam a virgindade feminina – facto que se constatou até muito recentemente, provavelmente meados do século XX - que era tida como um dever e um apanágio da situação feminil.



<p><i>Paraiso.(Sousa:188)</i></p> <p><i>Há alguns (da casta tibes) que dois irmãos teem hua mulher e dormem com ela e não se estranha.(Sousa:203)</i></p> <p><i>Suas mulheres (casta moger) são devassas, (e dão-se) aos estrangeiros.(Sousa:203)</i></p> <p><i>Suas mulheres (casta macuá) podem dormir com quem elas quiserem sem pesar disso aos maridos.(Sousa:211)</i></p> <p><i>Os mouros além de serem casados com suas mulheres (e deles com duas, três, quatro, cinco ou quantas podem manter) teem pola terra por mancebas outras mulheres gentias baixas.(Sousa:230)</i></p>		<b>Malabar</b>
<p><i>Os bramenes tem suas mulheres muito guardadas (...) e nenhu outro homem tem de chegar a ela.</i></p> <p><i>E estes mancebos que não casam nem hão-de casar dormem com as mulheres dos naires. (Sousa:159)</i></p>		<b>Calecute</b>
<p><i>Os mouros teem quantas mulheres podem manter.(Sousa:324)</i></p>		<b>Bengala</b>
<p><i>O rei tem cad'ano 120 moças de 12 anos cada ua porque as nom quer de mais idade. (Sousa:333)</i></p>		<b>Aracangil</b>
	<p><i>O rei tem de quinhentas mulheres pera cima. (Loureiro:136)</i></p>	<b>Siam</b>
<p><i>Este rei tem ua mulher moura e 300 a 400 mancebas gentias. (Sousa:402)</i></p>		<b>Ilhas de Maluco</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

O seu pormenor descritivo quanto a estes costumes sexuais derivam, quanto a nós, da enorme divergência que o autor percebe que existe relativamente aos costumes europeus e, Barbosa sabia que os seus escritos iam ser lidos preferencialmente na Europa e por europeus, assim pretende dar a conhecer as vivências, tão diferentes, que encontrou nestas latitudes. Mas, na sua escrita perpassa respeito pela diferença do *Outro* civilizacional. Facto que se comprova na seguinte citação de Barbosa que, ao referir-se aos costumes poligâmicos da casta *naire*, demonstra extrema isenção e respeito pelos novos costumes encontrados:

“E cada um há-de estar com ela um dia certo, dêo o meo-dia até ao outro meo-dia, que se vai e o outro entra. E assi vão passando sua vida mui temperadamente, sem os ouvir ninguém nem haverem menencoria uns dos outros. E o que a quer dexar dexa-a quando quer e toma outra e assi ela outro-tanto porque se lhe alguu lhe avorece diz-lhe que se vá, e a ele convem faze-lo ou rogá-la.”<sup>61</sup>

Ainda sobre as mulheres *naires* anotou que elas sabem ser boas parceiras sexuais, sabendo *comprazer os homens*. Aliás, nota que entre os *naires* era veiculada a ideia que as mulheres que morriam virgens não mereciam o Paraíso.

Outro uso diametralmente oposto às tradições europeias em que o sexo era tabu e o prazer sexual moralmente proibido a mulheres que se queriam pudicas, mesmo sendo casadas.

Acrescenta que os homens desta casta *naire* podem dormir com mulheres de algumas castas imediatamente inferiores: *cuiavem*, *mainatos* e *çaletis*, reforçando assim a ideia do grande poder e ascendente social que detêm os *naires* nesta sociedade.

---

<sup>61</sup> Maria Augusta da Veiga e Sousa, op.cit., Vol.II, p.169

Elucida-nos ainda Barbosa acerca de mais pormenores sobre o comportamento sexual de várias castas de *gente mais baixa: tibes mogeres e macuas*, salientando as liberdades que lhes são permitidas e consentidas socialmente.

Para finalizar a caracterização da região do Malabar, refere que há nela, muitos mouros que praticam igualmente a poligamia, sendo casados com quantas mulheres podem sustentar e mantendo *mancebas*<sup>62</sup> gentias de mais baixa condição social.

Já no reino de *Bengala*, referindo-se aos *mouros honrados* desta cidade, refere a mesma prática poligâmica.

Do reino de *Aracangil* relata um costume e respectivos rituais seguidos pelos governadores das cidades e pelo rei, segundo o qual o rei podia possuir anualmente 120 adolescentes de doze anos, não seguindo, por isso, qualquer lei de casamento.

Também Pires sobre o rei de *Siam* diz que tem mais de quinhentas mulheres.

Já nas *ilhas de Maluco*, Barbosa regista que o rei é mouro, quase gentio e tem uma mulher moura e 300 a 400 *mancebas* gentias.

Repare-se que Pires e Barbosa usam repetidamente a expressão *têm muitas mulheres*, forma clara de expressar a poligamia.

Podemos dizer que há sintonia nas descrições feitas pelos dois autores, ambos registam a sexualidade da mulher asiática, as diferenças encontradas de reino para reino, predomina a referência à poligamia e à liberdade sexual da maioria das mulheres contrastante com os costumes europeus. Os seus discursos são atravessados por uma grande objectividade, tanto mais relevante se atendermos que se trata de um tema muito sensível que toca a intimidade e a moral. A divergência que notamos nas duas obras é, uma vez mais, o facto de Barbosa dar mais ênfase aos costumes e, por isso, abundar a narração descritiva dos mesmos não lhes dedicando Tomé Pires tanta atenção.

---

<sup>62</sup> Mulheres que vivem amancebadas com um homem. Para além das mulheres com quem casavam, muitas comunidades de mouros e gentios praticavam a mancebia com várias mulheres.

### 3 – As aprendizagens e o trabalho

Longe de ser o tema mais tratado pelos nossos autores, nem Barbosa, nem Pires deixaram de referenciar as tarefas a que a mulher se dedicava, bem como, as diversas aprendizagens que fazia consoante a cultura e a sociedade a que pertencia.<sup>63</sup>

Ao percorrer a costa oriental africana, Barbosa adiantando-se pelo sertão, encontra a *grande povoação* de *Zimbaoche*, onde muitas vezes estava o rei de *Monomotapa* e diz que este soberano tem cinco a seis mil mulheres que *usam armas e pelejam*.

Reportando-se ao reino de *Mandou*, que confinava com as terras de *Cambaia*, Tomé Pires referenciou que este era o reino onde antigamente pelejavam as mulheres amazonas.<sup>64</sup> Esclarece-nos que quando contacta este reino elas já não combatem mas, ainda caçam a cavalo com indumentária própria de homens, com *esporas* e *borseguis*. Regista, contudo, que se afirma que este rei ainda tem cerca de duas mil mulheres que cavalgam com ele.

De notar a preocupação de Pires com o rigor na informação, distinguindo sempre o que ele de facto viu ou constatou daquilo que ele apenas ouviu.

Já na cidade de *Cambaia*, Barbosa, descreve com grande pormenor o que lá se produzia e, a esse propósito, refere o trabalho minucioso executado pelas mulheres bordadeiras que fazem colchas, roupas e outros adereços de *sotis labores*.

Reportando-se a um lugar chamado *Reinel* diz que aqui as mulheres, ao contrário das mouras de outros lugares, não estão fechadas

---

<sup>63</sup> Veja-se o quadro VIII com referências dos dois autores às aprendizagens e ao trabalho.

<sup>64</sup> A lenda das amazonas era muito antiga e citada por vários autores, aqui Pires associa as lendárias amazonas ao facto de as mulheres, em alguns locais, participarem nas guerras, dado que nos é relatado pelos dois escrivães.

em casa mas andam pelas ruas e praças, de cara descoberta, cumprindo as tarefas que lhes estão destinadas tal como as mulheres de Espanha. Uma vez mais, Barbosa utiliza como termo de comparação o já conhecido.

Aludindo ao reino de *Goa*, o olhar atento de Pires assinala que as goesas dançam como nenhuma da região.<sup>65</sup>

Muito singular é o seu relato sobre algumas mulheres de *Goa* que não seguem o ritual de se imolarem depois da morte do marido<sup>66</sup>, a desconsideração social é tanta que só lhes resta a prostituição.<sup>67</sup>

Na grande cidade de *Bisnaga* reporta Barbosa que as mulheres são ensinadas a dançar de forma muito delicada.

Diz que o rei tem mulheres que o servem, especificando que todo o trabalho inerente à casa real é por elas desempenhado.

Ainda sobre este rei de *Narsinga* diz que ele tem ao seu serviço cerca de 100.000 homens preparados para a guerra e tem 5000 mulheres para os acompanharem quando for necessário. Esclarece que não se faz boa peleja se não houver mulheres por perto que, não só encorajam os homens a ter bom desempenho na luta, como também permitem o entretenimento das hostes.

Voltando a repetir esta envolvência da mulher nas situações de guerra, diz que El-rei de *Narsinga* obriga as mulheres e os filhos a acompanharem os que vão pelear, porque assim não desertam e que ainda leva para a guerra muitas mulheres solteiras, não para combater mas sim para que os homens se enamorem delas e combatam mais valorosamente. Particulariza que entre estas mulheres há algumas que são privadas do rei e que cada uma cria sete ou oito raparigas que mais tarde as substituirão na corte.

Já no Malabar, contando acerca do rei de *Calecute* relata que este monarca tem mil mulheres ao seu serviço, a quem paga soldo. Especifica

---

<sup>65</sup> Algumas mulheres eram bailarinas profissionais.

<sup>66</sup> Como veremos mais adiante, o sacrifício da morte da viúva, para honrar o marido recém-falecido era muito frequente em vários lugares contactados por Barbosa e Pires.

<sup>67</sup> Estas mulheres tornavam-se prostitutas ligadas aos templos hindus.

## Quadro VIII- Referências às aprendizagens e ao trabalho feminino

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>Este rei traz continuamente cinco a seis mil mulheres que também tomam armas e peleijam. (Sousa:62)</i>		<b>Zimbaoche</b>
	<i>Dizem que tem ainda este rei mulheres que cavallgam com ele, ate 2 mil mulheres. (Loureiro:89)</i>	<b>reino de Mandou</b>
<i>Nesta cidade há muitas lavradeiras mouras de sotis lavores e obras. (Sousa:212)</i>		<b>cidade de Cambaia</b>
<i>As mulheres andam muito por as rua se praças, de dia, fazendo o que lhes compre. (Sousa:226)</i>		<b>Reinel</b>
	<i>As mulheres de Guoa (...) as danção e volteam o fazem com melhor maneira que todolas destas parte. (Loureiro:98)</i>  <i>As mulheres ficam pubricas furnicarias e ganham pera as despesas e fábricas dos templos domde sam fregesas, no qual officio morrem. (Loureiro:98)</i>	<b>Goa</b>
<i>As mulheres são ensinadas a voltear e a fazer muitas ligeirices. (Sousa:64)</i>  <i>O rei tem 5000 mulheres a que paga moradia pera continuamente andarem em sua corte. E onde quer que há guerra (...) grandes balhadeiras; tangem e cantam e volteiam. (Sousa:70-71)</i>		<b>Bisnaga</b>
<i>O rei tem 1000 mulheres a quem paga soldo e mantimento e sempre andam na corte përa varredeiras dos paços e das casas do rei. (Sousa:88-89)</i>  <i>As mulheres (da casta tibes) ganham de comer por seus corpos. (Sousa:214)</i>  <i>As mulheres (da casta pacens) são feiticeiras. (Sousa:215)</i>		<b>Malabar</b>
<i>Os governadores mandam as meninas insinar a balhar e a</i>		<b>Aracangil</b>

<i>cantar e a tanger estromentos.(Sousa:330)</i>		
<i>As mulheres são grandes musicas, engenhosas alfaitas(Sousa:389)</i>		<b>Jaoa</b>
<i>O rei é servido com mulheres corcovadas (...) e destas terá 80 ou 100 (...) as quaes sempre andam junto com elee lhes fazem todos os serviços de pejes, a saber, uas lhe dam o betele e outras lhe trazem a espada a assi todos os outros serviços. (Sousa:402)</i>		<b>Maluco</b>

(Todas as citações foram retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

que este número era desmesurado, já que para servir o rei bastariam cinquenta.

Ainda no *Malavar*, ao mencionar as castas inferiores, reporta-se à casta *tibes* dizendo que as *mulheres ganham de comer por seus corpos*, publicamente. Descreve aqui uma forma de prostituição consentida socialmente, devido à condição social e às dificuldades económicas sentidas nessas famílias.

Continuando a relatar a vivência das castas inferiores refere *gentios baxos* que se chamam *pancens* e que são grandes feiticeiros a quem o rei recorre quando adoecer e especifica o papel reservado às mulheres dos feiticeiros que os acompanham.

Já relativamente ao reino gentio de *Aracangil* ao fazer alusão ao costume seguido pelos governadores das cidades de tomarem, cada ano, para si doze meninas que são criadas nos seus paços, regista que eles as mandam ensinar a bailar, a cantar e a tocar instrumentos.

Remetendo já para o reino de *Jaoa*, diz que as mulheres são grandes músicas e hábeis alfaiates e que por serem amáveis vendem muito aos portugueses que passam pelos portos.

Sobre a ilha *Maluco* diz que o rei *é mouro, quase gentio* e que é servido por oitenta ou cem:

*“mulheres corcovadas que de meninas manda quebar por o espinhaço pera as ter por estado, as quaes sempre andam junto com elee lhe fazem todos os serviços”*<sup>68</sup>

Como vimos são muito diversificadas as tarefas exercidas pela mulher asiática, dependia da sociedade e da cultura em que estava inserida e, sobretudo do seu estatuto social. Os nossos autores quinhentistas referem actividades tão diversas como: o serviço doméstico, o artesanato, a participação na guerra, tanto como beligerantes como acompanhantes, muitas vezes referem a aprendizagem

---

<sup>68</sup> Maria Augusta da Veiga e Sousa, op.cit., Vol.I, p.402

da música, do canto e da dança, áreas onde muitas eram exímias e ainda a há a referência à prática da prostituição.

Também neste aspecto Barbosa é mais prolífico nas descrições do que Pires.

#### **4 – Os papéis desempenhados**

Neste quarto ponto pretendemos demonstrar que os autores estudados perceberam as mulheres sob ângulos diferentes. Tanto no *Livro das Coisas da Índia* como na *Suma Oriental* são visíveis as diversas perspectivas sobre as mulheres nos variados papéis que desempenham: como esposas, como *mancebas*, como viúvas, como mães e como irmãs. Barbosa e Pires registaram os diferentes costumes asiáticos, arreigados a sociedades com culturas e organização díspares entre si e da Europa tão familiar aos nossos autores, daí que, neste aspecto como noutros esteja presente repetidas vezes a comparação.

A finalizar este aspecto daremos conta da importância e da complexidade dos rituais e do relevante papel neles representado pela mulher/ mãe/ esposa.

##### **4.1. Esposa, *manceba*, viúva, mãe e irmã**

Esposa, *manceba*, viúva, mãe ou irmã, a mulher é-nos apresentada em múltiplas atribuições e funções consoante o grau familiar. Sobre a *Pérsia* referencia Pires que os Persas têm muitas mulheres. Quando se refere ao *Xeque* do reino de *Xiras* diz também que ele tem muitas mulheres. Enunciando assim uma referência quase constante nos dois autores, a poligamia.

Relata Barbosa a propósito do reino de *Guzarate* que os brâmanes (que entre eles são sacerdotes) *casam à nossa maneira*, com uma só mulher e uma só vez.

Barbosa assinala a situação de monogamia, semelhante ao costume português e, de seguida, esclarece que este casamento acontece apenas uma vez na vida, quer para o homem, quer para a mulher e aqui já difere do nosso costume. Acrescenta que os seus filhos são os seus herdeiros.

O nosso escrivão nota bem a particularidade de o cônjuge viúvo, mulher ou homem, não voltar a casar e regista que nesta sociedade, a herança material e moral é pertença dos filhos deste casal.

Reportando-se aos mouros do reino de *Cambaia* diz que eles têm quantas mulheres podem manter, casam com quatro ou cinco e isto por serem da *seita de Mafamede*.<sup>69</sup>

De forma esclarecedora e rigorosa descreve-nos o costume poligâmico entre os muçulmanos, acrescentando que podem descasar quando querem, pagando à mulher uma quantia em dinheiro como forma de indemnização.

Barbosa é aqui, como já nos habituou, imparcial no seu relato.

Ao citar o reino de *Cambaia*, Pires relata que os reis ingerem regularmente pequenas quantidades de veneno e que as suas mulheres também, de tal maneira, que dizem que se outros vestirem as suas roupas morrem subitamente. Aqui, identicamente ao que acontece com outras passagens, Tomé Pires tem um relato assaz curioso ao referir-se à ingestão de doses de veneno ao longo da vida, pelos reis e suas mulheres, usa alguma ironia e, apesar das informações que recolheu sobre o assunto ele descrê nesses relatos, considerando haver neles algum exagero. De registar também o relevo das mulheres do rei que o acompanham.

Já relativamente ao reino de *Daquem* reporta que entre os gentios e brâmanes há o costume, quando eles morrem, das suas mulheres se imolarem pelo fogo e se não o fizerem ficam desonradas, não só elas mas também as suas famílias. Acrescenta que às vezes elas não têm muita vontade de cumprir este costume, mas os familiares obrigam-nas para que a tradição não se quebre.

---

<sup>69</sup> Por serem praticantes do islamismo e seguirem a poligamia.

Barbosa, já para o reino de *Jaoa*, diz que os gentios desta terra quando montam a cavalo levam as suas mulheres em carretas.

Aludindo à cidade de *Bisnaga*, onde está o rei gentio de *Narsinga*, explica que ele e as gentes da terra seguem a lei de casamento, à *nossa maneira*, no entanto, casam com muitas mulheres, os que as podem sustentar, esclarece. Diz também que o rei tem no paço muitas mulheres com quem casou, filhas de reis e grandes senhores do reino e, além destas tem outras como *mancebas*.

Eis, mais uma vez, a comparação com os costumes lusos, Barbosa acentua que a forma e as próprias leis que regem o casamento, neste lugar, têm semelhanças com as nossas, no entanto diverge claramente na institucionalizada poligamia, que é tanto mais alargada quanto as posses do homem. Nota ainda que, para além das mulheres com quem casa, o rei tem várias mulheres na situação de *mancebas*.

Detendo-se ainda no reino de *Narsinga* diz que as mulheres são obrigadas a queimarem-se vivas para honrarem os maridos quando eles morrem.

Depois de descrever minuciosamente os cerimoniais – a que nos reportaremos à frente – que tinham lugar nestas circunstâncias e perante quadros que lhe parecem tremendos, Barbosa não se contém e descreve estes rituais como um *abominável uso*.

Sabemos já que o nosso escritor é imparcial na sua análise, contudo, aqui o seu olhar de homem do ocidente cristão falou mais alto, parecendo não entender o que lhe pareceu uma brutalidade, ou por outro lado entendeu, mas o seu olhar humanista repudiou costume tão bárbaro.

Referindo-se ao mesmo reino fala dos *bramenes* e regista que eles casam com uma só mulher.

O mesmo diz de *gente quase como bramenes*, que casam com uma só mulher e, quando eles morrem, as suas mulheres são enterradas vivas com eles. Barbosa assinala, nestes dois casos a monogamia e também, neste último caso, o fim da vida da esposa, por imposição social e moral, aquando da morte do marido.

Já citando os reis do *Malabar*, refere que estes não têm qualquer lei de casamento, têm sim uma *manceba* da linhagem *naire*. Numa descrição bastante rica de conteúdo e de expressividade, o nosso autor refere que estes reis não casam, mas mantêm *mancebas*, bem tratadas e até remuneradas para fazerem face a despesas pessoais. O costume permite-lhes repudiá-las, contudo, nota que raramente tal é feito o que associa à dignidade da conduta real, observando também a consideração social que advém da condição de *manceba* do rei.

Continua a referir-se aos reis do *Malabar* e suas *mancebas*, dizendo que os filhos que delas têm não os consideram filhos nem herdam o reino nem nada de seu, apenas herdam da mãe. E acrescenta que os herdeiros dos reis são os seus irmãos ou sobrinhos, filhos das irmãs, a quem consideram como verdadeiros filhos.

A sucessão real pela via matriarcal aqui descrita é justificada pelo facto das suas mulheres *não casarem nem terem maridos certos*. Nota, assim, Barbosa que é a liberdade sexual dada a estas mulheres de elevada condição social que faz com que a verdadeira linhagem seja herdada pela via feminina, onde seguramente o sangue real é preservado.

A condição da mulher irmã do rei é então sobrevalorizada nesta sociedade, como comprova dizendo que se as irmãs não têm filhos, se não há sobrinho do rei pela via feminina e o monarca morre, cabe às irmãs deste a escolha de um novo rei, o que confirma o importante papel social e político desempenhado pelas mulheres irmãs do rei.

Esta sua importância justifica o que Barbosa reporta acerca da sua vivência e conduta quando meninas, diz que elas são *muito honradas e servidas* e vivem de grandes rendas das quais se mantêm.

O relato de Pires ao falar dos reis do Malabar, tem muitas semelhanças com o de Barbosa, diz ele que eles casam quantas vezes querem e depois de as terem as entregam a pessoas honradas. Também refere que os filhos dos reis são *naires* como os outros, não herdam nada do pai.

Tal como Barbosa, referencia a poligamia, a rejeição de algumas dessas mulheres, acrescentando que os reis as entregam a pessoas

honradas. Diz também que os filhos não são seus herdeiros, corroborando a sucessão através da linhagem matriarcal ainda que não a refira explicitamente e acrescenta que se o rei deseja uma mulher de um homem importante, ficará com ela, sentindo-se esse homem honrado com a escolha, adquirindo até maior consideração social. Neste caso as mulheres tomam a categoria de objectos das preferências masculinas. Também Pires revela aqui isenção.

Os lugares e as respectivas sociedades e seus costumes diferenciados passam ante o olhar do nosso escrivão, que agora ao relatar sobre os brâmanes do *reino de Calecute* diz que eles *casam à nossa maneira, uma só vez* e que as suas mulheres são estimadas.

Temos, uma vez mais, a comparação com o casamento europeu, nota como as mulheres são bem tratadas mas que não podem voltar a casar, ficando para sempre na condição de viúvas, no entanto, serão mortas com veneno pelos maridos caso lhes façam algum mal, não especificando o que pode levar a situação tão extrema.

Referindo-se ainda aos brâmanes de *Calecute* menciona que quando eles sabem que a mulher está grávida, não come mais bétele<sup>70</sup>, não faz a barba e jejua até a criança nascer. É, deste modo, realçado o papel das mulheres na maternidade e a forma como a gravidez é celebrada pelo marido.

Relatando já sobre a casta fidalga e guerreira do Malabar: os *naires*, Duarte Barbosa descreve com minúcia o activo papel desempenhado pelas mães *naires* relativamente ao encaminhamento social e sexual das filhas de 12 anos. Este autor afirma que as mães fazem uma festa de casamento às filhas dessa idade e pedem a parentes e amigos que venham até elas, no enquadramento dessas cerimónias perderão a virgindade, rogando depois as mães a homens *naires* que

---

<sup>70</sup> “(...)Mistura de areca, cate, cal de ostras e substâncias aromáticas diversas, embrulhada numa folha de bétele. Era um composto muito usado por ter propriedades estimulantes e (dizia-se) conservava os dentes, evitava o mau hálito e prolongava a vida.” João Marinho dos Santos, op.cit., p. 348

queiram ter aquelas raparigas como *mancebas* e assim acabam. Pelo facto de terem, sucessivamente, vários companheiros se justifica os *naires* não considerarem os filhos destas como seus. Como já tínhamos dito atrás, os seus herdeiros são os seus sobrinhos.

Pires tem um relato similar, dizendo que a *naira* não casa e que quantos mais amantes tem, mais honrada é. Refere igualmente que a mãe *naira* se tem uma filha ou mais, escolhe um rapaz da sua casta para com ele ter a primeira relação sexual.

O papel da mãe *naira* surge-nos nos dois autores com um enorme relevo na condução da vida das jovens à idade adulta e também com toda a responsabilidade na criação dos filhos, uma vez que a adopção do sistema matriarcal e, as formas de que este se reveste, a isso obrigam.

Ainda sobre esta casta refere Barbosa que os *naires* vivem fora das povoações, afastados das outras pessoas e não dormem com mulheres vilãs, sob pena de morte. Acrescentando que se um vilão, voluntária ou involuntariamente, tocar numa mulher *naira* os familiares desta matam-na assim como ao vilão prevaricador e todos os seus familiares.

Também Pires narra uma passagem muito semelhante em que relata que se uma mulher da casta *naira* fosse tocada por um homem de casta inferior era morta, acrescentando que o costume é assim para não haver relações com gente de baixa condição

Os autores deixam assim registado como o sistema de castas é fechado e, particularmente, referem que as mulheres de baixa condição social não podem dar-se com os *naires* e, muito menos uma mulher *naira* pode relacionar-se com homens das castas inferiores. Note-se que as punições são muito severas, particularmente nos últimos casos referenciados. Diz também Barbosa que os *naires* têm grande respeito pelas mães e irmãs, particularmente às mais velhas.

Mais uma vez aqui se salienta o papel das mães e, sobretudo, das irmãs dos *naires*, protegidas por estes, já que são elas que lhes darão os sobrinhos que serão seus herdeiros. Saliente-se a reverência que os irmãos prestam às irmãs mais velhas e o cuidado com que lidam com as mais novas.

Depois de se referir com pormenor à fechada organização social do sistema de castas vigente nos reinos do Malabar, referencia, ainda, estrangeiros, na sua maioria mercadores, e os seus costumes.

De entre estes começa por referir os *chatins*, naturais da província de *Coromandel*, que *casam à nossa maneira*, e seus filhos são os seus herdeiros. Se o marido morre a mulher não casa mais, ainda que seja nova, mas se a mulher morre o marido pode casar outra vez. Barbosa descreve assim a lei do casamento entre estes estrangeiros que tem grande semelhança com aquela que é seguida pela última casta de gentios acima referida. Acrescenta que se a mulher fizer algum mal ao marido, não especificando qual, ele pode matá-la com veneno com toda a legitimidade.

Expõe a seguir acerca da *grande soma de mouros* que habita na região do Malabar que casam com as mulheres que podem sustentar e ainda têm outras mulheres de baixa condição social como *mancebas*.

Assim, referindo-se aos mouros, menciona a poligamia e a mancebia com gentias de baixa condição, narra que consideram mouros os filhos que delas têm e até elas próprias.

Nota-se, em Barbosa relativamente aos mouros, *seita de Mafamede*, os eternos inimigos cristãos, um tom depreciativo quando os considera *má semente*, situação que não se constata relativamente aos naturais da terra<sup>71</sup>.

Afastado já do Malabar, ao descrever a cidade de *Bengala*, diz, novamente, que os mouros têm as mulheres que podem manter, indicando que estas estão muito resguardadas e bem tratadas.

Pires faz uma breve alusão dizendo que o rei de *Bengala* tem das suas *mancebas* vinte e quatro filhos e muitas filhas.

---

<sup>71</sup> Os mouros surgem, na escrita quinhentista, como os inimigos à presença portuguesa, já que esta põe em causa a sua supremacia naquelas paragens. Ao contrário, os autóctones asiáticos surgem aliados ou distanciados dos portugueses consoante a evolução dos contactos e dos interesses de cada momento.

Mais uma vez está feita a referência à prática da poligamia entre os mouros, mencionando Barbosa que estas mulheres estão recolhidas em suas casas e são ricamente presenteadas pelos maridos.

Sobre o reino de *Aracangil* reporta o costume do governador de cada cidade, segundo o qual, a mando do rei, toma para si doze meninas filhas das mais formosas mulheres e cria-as e entrega-as ao rei, que em cada ano fica com doze meninas que têm até doze anos de idade.

Depois de cumprido o curioso ritual que descreveremos à frente, o rei presenteia parentes seus e governadores com algumas destas meninas, porque como diz Barbosa *não têm nenhuma lei de casamento*. Estranho costume este que, uma vez mais, o nosso autor relata de forma isenta, sem emitir juízos de valor.

Sobre os moradores da *ilha de Jaoa* refere que os homens quando vão montar levam consigo as suas mulheres. Não nos diz, Barbosa muito mais sobre a relação homem mulher, mas o que relata permite-nos aferir o papel da mulher/esposa a acompanhar o homem nas suas actividades.

Sobre as *ilhas de Maluco* diz que o rei é mouro, quase gentio e tem uma mulher moura e trezentas ou quatrocentas *mancebas* gentias, esclarecendo que os filhos das gentias são gentios e os da moura são mouros.

Uma vez mais, Barbosa refere a poligamia seguida pelos mouros, neste caso distinguindo que o rei tem uma mulher moura e centenas de *mancebas* gentias.

Pires relativamente ao rei de *Siam* escreve que ele tem mais de quinhentas mulheres, sendo essa a única referência.

Vemos que os dois autores, com especial destaque para Barbosa, dedicaram extenso espaço a relatar o desempenho das mulheres nos seus diversos papéis. Salientaram o seu papel enquanto esposas, viúvas, *mancebas* e irmãs, especialmente nas castas superiores. Os diferenciados costumes seguidos nos muitos reinos visitados dão-nos a conhecer um quadro riquíssimo, pela informação veiculada e pela forma minuciosa do discurso. Conclui-se que a mulher ocupa um lugar de destaque na vivência familiar e social.

## 4.2. – Nos rituais

A descrição de rituais é uma dos aspectos mais interessantes e ricos das exposições de Barbosa e Pires.<sup>72</sup>

Barbosa sobre o reino de *Guzarate* ao referir-se aos *bramenes*, que entre eles são *sacerdotes*, faz uma descrição pormenorizada dos rituais seguidos quando estes se casam, realçando o pormenor dos noivos e noivas serem muito jovens, destacando a riqueza das jóias e do vestuário por eles envergado e os festejos que são feitos em sua honra. O nosso escritor refere que são acompanhados de muita gente bem vestida que festeja, cantando e tocando. De seguida, especifica a cerimónia ritual praticada pelos noivos que jejuam durante todo o dia e prestam homenagem ante uma imagem sagrada, enfeitada de ouro e flores.

Pires ao deter-se no reino *Imdo*, próximo de Cambaia e ao descrever os gentios da terra relata que quando os homens morrem as suas mulheres são queimadas, isto porque são honradas ou estimam a sua honra. O cumprimento do mesmo ritual reporta-o relativamente ao reino de *Daquem*, dizendo que há aí brâmanes muito estimados por todos e que quando morrem as suas mulheres se queimam para irem acompanhar os maridos. Nota que se elas não o fazem ficam desonradas, não só elas mas toda a sua descendência, daí que quando elas não mostram muita vontade em cumprir o ritual, os seus parentes as obrigam, para que o costume não se perca. Igualmente quando descreve o reino de *Goa* refere que neste todas as mulheres de gentios são queimadas após a morte do marido e que todos têm isso em grande apreço.

Como já referenciamos atrás, no *reino de Narsinga*, Duarte Barbosa também explica que as mulheres são obrigadas a queimarem-se vivas com os maridos quando eles morrem, para os honrarem. Não deixa de ser especificado que quando o corpo do homem está a arder a mulher se lança no fogo.

---

<sup>72</sup> Observe-se o quadro IX com as referências dos dois autores aos rituais.

Barbosa e Pires referem-se ao *sati*, incineração ritual das viúvas.<sup>73</sup> Esta prática social, pela sua estranheza face à realidade europeia, impressionou os portugueses. Como veremos Barbosa dedica-lhe relevante espaço na sua descrição e também Pires.

Continua o escrivão uma longa descrição deste complexo ritual quando se trata de mulheres de elevada condição social. Falecido o marido, o seu corpo é incinerado em cerimónia acompanhada pela esposa que se prepara para alguns dias depois iniciar um complicado e longo ritual, que consiste em festejar e banquetear com os familiares e amigos que finalmente a acompanharão ricamente vestida e ornamentada montada num cavalo de pêlo ruço, até ao lugar onde o marido foi queimado, e onde de novo se faz uma pira funerária que acolherá a mulher viva. Esta, antes de se lançar no fogo diz aos homens:

“olhai Senhores quanto devês a vossas mulheres que estando em suas liberdades se queimam vivas com seus maridos.”

E depois diz às mulheres:

“olhai Senhoras quanto debes e sois obrigadas a vossos maridos que destas maneiras os debes d’acompanhar até à morte.”<sup>74</sup>

De seguida com um cântaro de azeite à cabeça, faz as suas últimas orações, lança o azeite no fogo e de imediato salta para o lume *tão boamente como se saltasse num tanque d’agoa*, diz o nosso escrivão, acrescentando que este é costume geralmente seguido por todas.

---

<sup>73</sup> O *sati*, incineração ritual das viúvas, era um costume comum em muitas regiões indianas no século XVI.

<sup>74</sup> Maria Augusta da Veiga e Sousa, op.cit, Vol.II, p.7.

Esta é a descrição mais longa que o autor faz de um ritual, o que demonstra, por um lado a sua relevância social e, por outro, o quanto o português se perturbou ante tais actos. Esta prática é reveladora da condição da mulher, que surge numa situação de subalternidade relativamente ao homem, é ela que é obrigada, pela sociedade e pela moral, a morrer quando o marido falece e não o contrário. Isto é provado pelo facto de que, como Barbosa e Pires explicam, se a mulher se recusasse a passar por esta expiação passaria a ser marginalizada familiar e socialmente.

Acerca desse facto, diz claramente o escrivão que os familiares das mulheres que não cumprem este ritual as expulsam das suas casas e linhagens obrigando-as, assim, a vaguearem pelo mundo.

Este último passo indica que havia um grupo de mulheres viúvas que não cumpria o *sati*, ainda que tendo em conta o todo, talvez não fosse muito significativo. Tiramos esta conclusão porque Barbosa adianta:

“É este abominável uso do queimar tão  
acostumado e honroso entre eles.”<sup>75</sup>

Note-se que, contrariamente ao habitual no seu relato, aqui o autor adjectiva pejorativamente o acto que, tendo em conta o seu olhar eurocêntrico, lhe parece bárbaro.<sup>76</sup>

Descreve igualmente que este sacrifício também é seguido por muitas mulheres aquando da morte do rei. Barbosa afirma que por essa

---

<sup>75</sup> Ibidem, Vol.II, p.77

<sup>76</sup> De tal modo, o *sati*, ritual funerário hindu, foi mal visto pelos portugueses que Albuquerque e seus sucessores optaram pela sua abolição nas áreas por si dominadas. Isto apesar de os portugueses interferirem muito menos nos ritos e cerimónias hindus, do que em relação aos muçulmanos, a quem proibiram práticas islâmicas sempre que podiam.

### Quadro IX- Referências aos rituais

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>Estes bramenes quando casam são mui festejados em suas bodas; fazem grandes festas que duram muitos dias(...)diante de si teem ua mesa com um ídolo(...).Ali estão ambos com os olhos fixos nele dès pola menhã até à tarde, sem comer nem beber nem falarem a ninguém.(Sousa:186-187)</i>		<b>Guzarate</b>
	<i>Quando os gentios morrem, queimão se as mulheres que sam omrradas ou estimão sua omrra.(Loureiro:80)</i>	<b>Imdo</b>
	<i>Muitos gentios e muitos bramines estimados de todo ho gentio, os quais quando morrem hé custume queimarem se as mulheres, por irem ter companhia ao marido omde estiver. E se o não faz fica desomrada, não tam somente ella, mas toda sua geração. (Loureiro:92)</i>	<b>Daquem</b>
	<i>E costuma se neste reino toda molher de gentio queimar se por morte de seu marido.(...) As que de má mente recebem o sacrefiçio ou se não querem queimar ficam pubricas furnicarias e ganham pêra as despesas e fábricas dos templos.(Loureiro:98)</i>	<b>Goa</b>
<i>As mulheres são obrigadas de se queimarem vivas com seus maridos quando morrem (Sousa:73)</i>  <i>E se algua molher é honrada e aparentada rica (...) quando o marido falece vão ao mesmo campo e fazem-lhe ua cova d'altura de um homem e enchem-na de lenha e de sandalos, e metem dentro o corpo morto e queimam-no e sua molher o prantea (...)pede prazos certos dias pera se fazer prestes e se ir queimar e fazer companhia a seu marido e diz a todos seus parentes e do marido que venham</i>		<b>Narsinga</b>

*festejar e fazer honra(...), a levam por toda a cidade, e depois a levam ó campo onde queimaram o marido (...) lhe dão um cantaro de d'azeite ela o põe na cabeça e faz sua oração e dá outras tres voltas e adora o Oriente e lança o cantaro no fogo e salta atrás dele (...).(...) Isto fazem todas geralmente e é antr'elas muito acostumado.(Sousa:73-76)*

*Quando o rei morre queimam-se com ele 400, 500 mulheres suas da mesma maneira, e delas supetamente se lançam no fogo onde ele jaz (...) e é tamanha azafema a qual se queimará com ele que é cousa espantosa.  
(Sousa:81)*

*A gente quase como bramenes quando morrem enterram as mulheres vivas com eles e fazem-lhes a cova. (Sousa:81)*

*As mulheres desta terra são tão atrevidas em idolatras que fazem maravilhas cousas por amor de seus ídolos. (Sousa:184)*

*Ha i mulheres moças que se desejam casar com algum homem a quem querem bem, prometem ao seu ídolo a que teem mais devação de lhe fazer mui grão serviço que bse casarem co aquele homem que teem na vontade; e se consertam com ele seu casamento antão lhe dizem: «eu hei-de fazer ua festa a tal ídolo e lhe hei-de oferecer meu sangue antes que me entregue a vós.» E então, limitam o dia pera fazerem aquela festa (...) E ela sae de sua casa muito honradamente com seus parentes e amigos, fazendo-lhes grandes festas com muitos tangeres e cantares e muitas balhadeiras e chocarreiros; e ela vem cengida com seus panos brancos, muito apertada pela cinta e coberta de cinta té os joelhos e todo o al nuvo. E à porta de sua casa ond'está a carreta abaxam a cadea e aqueles ganchos de ferro lhe metem pelos lombos per antre a carne e o osso (...). E começa andar seu caminho pera casa do*

<p><i>ídolo onde se prometeo, e ela vai pindurada daqueles ganchos e o sangue lhe vai correndo até o chão, e ela vai cantando e isgrimindo com a sua adarga e tirando laranjas e limões a seu esposo e a seus parentes. E assi vão com ela até a porta do templo ond' está o ídolo, e então a decem e curam e entregam a seu marido, e dão esmola aos bramenes e oferta aos ídolos e bem de comer a quantos a acompanham. (Sousa:82-84)</i></p> <p><i>Há outras pessoas que oferecem a vergindade de suas filhas a um ídolo. E, como são de idade de 10 anos, levam-nas (...) onde está aquele ídolo, muito honradamente com seus parentes, festejando-as como quem as casa. E à porta daquela sua casa d'oração está um poio de pedra d'altura de meio homem, quadrado e agudo e deredor (...). E sobre aquele poio está ua pedra de altura de um homem cövado e, no meio, um buraco no qual está metido um pão muito agudo. E armam as ditas grades com panos pera os de fora não verem, e a mãe da moça, com algumas outras mulheres, entram dentro, depois de feitas muitas cerimoniais de que os estrangeiros não podem haver certa enformação, e ali sobre aquele pão agudo corrompem e derramam a vergindade da moça. (Sousa:84-85)</i></p>		
<p><i>1000 mulheres fazem ua grande festa ao rei, ao tempo que novamente reina, assi velhas como moças, em casa de rei, bem ataviadas e galantes, com colares e joias d'ouro mui ricas e manilhas d'ouro nas pernas e muitos braceletes e aneis, vestidas da cinta para baxo de mui com seus panos (...). E dali se ajuntam todos os estromentos e tangeres de rei e muitas espingardas e outros arteficios de fogo de muitas maneiras, e se ajunta muito grande soma de naires que as acompanham, (...) e sete ou oito alifantes cubertos de seda com muitas campainhas pinduradas (...). E tomam um</i></p>		<p><b><i>Calecute</i></b></p>

<p><i>idalos que elas tem por seu valedor e o poem em cima do maior daqueles alifantes, e um sacerdote que o leva nos braços assentado em cima do dito alifante. Assim partem em procição (...) se ajunta muita gente a maravilha a ver e adorar aqueles idalos e honrar-lhe suas vistas. Estas 1000 molheres teem ua bacia de latão, larga e prana, cheia de arroz e, em cima do arroz, candeeiros cheios de azeite com muitas matulas acesas e antre os ditos candeeiros muitas frores (...). E todos os estromentos vão tangendo e vão lançando muitos foguetes e bombas de fogo, e levam uas arvores que vão sempre ardendo em fogo, de maneira que é a mais fermosa cousa do mundo de ver quando assi se torna de noite.(Sousa: 130-134)</i></p> <p><i>E estas, depois que são de idade de 12 anos, sua mãe lhe faz ua cerimonia (...) roga a um parente e amigo que lha case e ele o faz, a saber, manda fazer ua joia pequena d'ouro (...). E sua mãe está com sua moça muito arraida fazendo-lhe grande festa de tangeres e cantares com muita gente. E este seu parente ou amigo chega com aquela joia e fazem-lhe cirimonias de casamento como que a recebe e lançam-lhe a ambos ua cadea d'ouro ós pescoços, em maneira que ficam juntos, e ele lhe lança aquela joia ao pescoço, a qual ha-de trazer em sinal que pode fazer de si o que quiser.(Sousa:166-167)</i></p>	<p><i>E esta molher naira, se tem hua filha ou duas e tres, escolhe hum naire pera cada hua ao tempo de sua virgimdade, e casa a com ele pera a romper. Fazem festa em que ho naire gasta segundo hé. Está quatro dias com ela e em sinall de a romper lamça lhe hum pedaço d'ouro ao pescoço, de valia de trimta reis, o quall se chama quete.(Loureiro:110)</i></p>	
---	---	--

(Todas as citações foram retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

ocasião se queimam quatrocentas a quinhentas mulheres que se atiram para o fogo onde o rei jaz, relatando que é tanta a azáfama destas mulheres que é *cousa espantosa*. A grandeza e a coragem deste acto, considerado honroso para as mulheres que o praticam admiram o nosso viajante. Prossegue depois com a descrição das gentes da terra, falando agora de *gente quase como bramenes*, afirmando que quando morrem, as suas mulheres são enterradas vivas com eles. Barbosa descreve assim outro ritual seguido neste reino e que também implica a morte da viúva aquando do falecimento do seu marido. Também aqui o discurso de Barbosa revela que considera estas práticas como desumanas:

“couza miseravel e lastimosa e que faz ver quanta farsa tem neste mundo a ambição e a opinião que conduz voluntariamente estas mulheres a hum tão horrivel fim somente para serem reputadas como mulheres honestas julgando que se faltassem a esta obrigação seriam reputadas como mortas.”<sup>77</sup>

Nas suas palavras entende-se que estas mulheres consideravam ser sua obrigação moral e social cumprir estes rituais ancestrais, tal era a desconsideração social e a desonra a que eram votadas caso não os seguissem.

De imediato Barbosa relata rituais religiosos também cumpridos pelas mulheres deste reino. Sobre eles também o autor revela surpresa pela estranheza da prática dizendo que as mulheres são tão devotas que fazem *maravilhas cousas* pelos seus deuses.

Conta detalhadamente que quando uma jovem mulher ambiciona casar com determinado homem faz uma promessa à divindade a que tem mais devoção e se, efectivamente vem a tratar esse casamento, tem de cumprir a promessa, revelando-se aqui a teia social indiana. O pagamento do compromisso consiste num complexo ritual, acompanhado

---

<sup>77</sup> Ibidem, Vol.II, p.81

por familiares e amigos, em que a jovem se expõe publicamente a um sacrifício físico, nele é ferida com ferros que perfuram carne e osso, derramando sangue, até chegar ao templo sagrado da divindade a quem prometeu. Aí é curada e entregue a seu marido. Todo o percurso é acompanhado por parentes e amigos que festejam a realização da cerimónia. Barbosa expõe com clareza a razão da promessa feminina e a forma corajosa como ela é cumprida, sempre com a anuência familiar e social.

A seguir menciona outro ritual religioso igualmente seguido pelas mulheres deste reino. Apesar de parecer, decerto, muito estranho a olhos ocidentais não emite qualquer juízo, limitando-se a descrever objectivamente o que viu. Conta que há pessoas que oferecem a virgindade das suas filhas a um deus. Quando elas perfazem dez anos levam-nas ao templo da divindade, acompanhadas dos seus familiares e festejam como se as casassem, aí depois de várias cerimónias, a que os estrangeiros não podem assistir, as jovens perdem a virgindade usando para o efeito um pau. Também aqui Barbosa é minucioso na descrição e o seu discurso revela a busca do rigor, repare-se que ele diz não lhe ser possível descrever com minúcia as cerimónias que são feitas porque elas decorrem de forma resguardada de olhares estranhos, dizendo apenas respeito às mulheres envolvidas no ritual.

Mais à frente, ao referir-se ao rei de *Calecute*, diz que ele tem mil mulheres a quem sustenta e que lhe fazem uma grande festa quando ascende ao trono, relatando de seguida os rituais que são cumpridos por esta ocasião festiva. Relata que se juntam essas mulheres ataviadas e galantes com as suas jóias, a muitos *naires*, acompanhados de grupos que tocam e lançam fogos de artifício e levam sete ou oito elefantes devidamente ornamentados. Em cima do maior elefante colocam a imagem de uma divindade e assim vão em procissão até ao templo onde descem aquela imagem sagrada, fazendo muitas cerimónias às divindades daquela casa de oração. Partem à noite com a imagem, novamente em procissão, até ao paço real, em tal cerimonial que Barbosa diz ser *a mais fermosa cousa do mundo de ver*. Neste ritual, seguido aquando da

entrada em funções de um novo rei, as mulheres têm, similarmemente a situações atrás descritas, uma enorme relevância notada pelo escrivão que também não deixa de registar a beleza deste cerimonial.<sup>78</sup>

Ao referir-se, ainda no reino de *Calecute*, à casta dos *naires*, descreve um ritual seguido pelas mães das jovens *naires* de 12 anos. Este consiste numa cerimónia em que estas jovens recebem um amigo ou parente que lhes irá impor uma pequena jóia de ouro e desta forma ficam comprometidas com ele. Uma vez mais as mulheres, mães e filhas, cumprindo cerimoniais que podemos entender, neste caso, como sendo rituais de iniciação à vida adulta.

Também Tomé Pires tem uma passagem em que se refere a este ritual, relatando-o de uma forma análoga.<sup>79</sup>

Continuando a longa descrição desta casta superior do Malabar, Barbosa também referencia o ritual anual da vinda à cidade da mulher *nair*. Diz que a mulher *nair* não pode entrar nas cidades, excepto uma noite por ano. Nessa data, estão na cidade mais de vinte mil mulheres para ver a cidade que está para elas especialmente iluminada e preparada, entram em casa de amigos onde são bem recebidas e brindadas com dádivas diversas. Este ritual social é cumprido tendo em conta, julgamos nós, a preservação da superioridade social inerente a esta casta.

Ainda sobre estas mulheres o nosso escrivão relata que quando estão menstruadas ficam fechadas em casa e não contactam com os familiares, até os seus alimentos são cozinhados separadamente. Ao fim de três dias lavam-se e vestem-se de roupa lavada e só depois é que podem voltar a ter contacto com familiares e amigos. O próprio espaço que ocuparam na casa é devidamente limpo, sob pena de aí não poder entrar ninguém. Este costume seguido pelas *naires* aquando do seu

---

<sup>78</sup> Os portugueses foram surpreendidos pela semelhança de muitas das manifestações exteriores do hinduísmo e do budismo (utilização de imagens, incenso, as cerimónias e os templos cheios de cor) com as da Igreja católica.

<sup>79</sup> Esta cerimónia, referenciada pelos dois autores, designa-se em malaiála por *tali kettu*, que significa a imposição do *tali*, a jóia de ouro oferecida.

período menstrual, pode ser interpretado como um ritual de purificação, a mulher sente-se impura e, por isso, recolhe-se em sua casa, passados três dias há extremo cuidado com a higiene pessoal e a desinfecção da casa e só depois pode haver contacto familiar e social.

Ainda em terras do Malabar ao mencionar a casta de *brabares*, que são *mercadores gentios naturais da terra* diz quando morrem os seus corpos são cremados e as suas mulheres vão até ao lugar da cremação, onde choram e lamentam a sua morte, tirando do pescoço uma pequena jóia de ouro, que eles lhes ofereceram quando com elas casaram, e atiram-na para a pira funerária, seguidamente voltam para casa. Aqui temos a alusão a mais um ritual funerário cumprido pelas viúvas, neste caso muito mais comedido que os anteriormente referidos.

Descrevendo já o reino de *Aracangil* o autor regista o costume seguido pelos governadores das cidades de tomarem ao seu encargo doze meninas, filhas das mulheres mais honradas e bonitas, nascidas em cada ano que, quando perfazem os 12 anos são levadas a el-rei que faz cumprir o seguinte ritual: manda-as lavar e vestir com roupa nova e, de seguida, são expostas ao sol durante uma manhã, sem comer. Logo após o rei cheira a roupa uma a uma, ficando para si as jovens cuja roupa cheira bem, com as jovens cuja roupa não cheira tão bem presenteia os seus parentes e fidalgos. Estranho ritual este que o escrivão relata com objectividade.

Já a caminho da China, no reino de *Cambojaa*, Pires alude, uma vez mais, à realização do *sati*, escrevendo que nesta terra se queimam as mulheres dos reis e outras mulheres por morte dos seus maridos.

Os rituais ocupam, como vimos, especial destaque nas obras estudadas. Barbosa dedica-lhes longas descrições pormenorizadas. A atenção dada aos rituais funerários e religiosos, com a participação activa das mulheres, revela-nos o interesse dos autores pelo conhecimento profundo das sociedades orientais e da representação do feminino nesses grupos humanos.

## 5 – Diversões e sociabilidade

Ainda que não seja um assunto particularmente relevante nas duas obras estudadas, Barbosa e Pires fazem algumas referências às diversões em que a mulher oriental participa e à sociabilidade no feminino.

Duarte Barbosa acerca do reino de *Guzarate*, ao referir-se às mulheres dos *gentios baneanes*, que eram mercadores, diz que são mulheres muito retraídas, saem poucas vezes de casa e, quando saem vão muito tapadas, com os seus panos, tal como as mulheres portuguesas se cobrem com os seus mantos.

Sobre as mulheres dos mouros do reino de *Cambaia* refere quando saem de casa são transportadas nuns carros puxados por cavalos e vão muito tapadas, para que ninguém as veja. Ao referir-se à cidade do mesmo nome regista que há nela carros puxados por cavalos e por bois que transportam homens e mulheres quando vão a casa de amigos ou a algum lugar de divertimento, fazem-no sempre com grande recolhimento, sem ninguém saber quem é aí transportado.

Estas três referências evidenciam que as mulheres dos lugares supracitados são resguardadas de olhares estranhos quando saem das suas casas. No caso particular do reino de *Guzarate* o autor diz mesmo que elas muito raramente saem e quando o fazem vão muito tapadas com os seus panos. Também neste caso o escrivão compara esta indumentária com a que é usada pelas mulheres portuguesas.

Por seu turno na cidade de Bisnaga há a referência a que as mulheres gentias desde meninas são ensinadas a dançar. Embora também possa ser lido com um trabalho desempenhado por algumas mulheres, esses ensinamentos redundariam, para a maioria, em momentos de diversão privada.

Por sua vez, Tomé Pires quando está a descrever as mulheres do reino de *Goa* reporta que as mulheres dançam aí tão bem como nenhuma outras. Trata-se aqui também, quase de certeza, das mulheres que em

momentos de lazer e diversão dançam por gosto, dizendo ele que o fazem tão bem como em nenhuma outra parte.

No Malabar, quando Barbosa referencia o ritual anual da vinda das mulheres *naires* à cidade, este também pode ser interpretado como uma forma de sociabilidade, especialmente quando Barbosa refere que as *nairas*, mães, sobrinhas de reis e *mancebas*, recebem presentes nas casas dos amigos, grandes mercadores que assim ficam nas boas graças dos reis. Ainda que esta seja uma oportunidade rara na vida das *nairas*, apenas ocorria uma vez por ano, era uma forma única de sociabilidade com familiares e amigos citadinos.

Muito curiosa é a forma usada por Pires para relatar que as mulheres da casta *naire* do *Malabar* não sabem e não executam tarefas domésticas, apenas sabem divertir-se, diz ele:

“ Nenhua virtude sabem as nairas do Malavar, nem exercício de cozer nem lavar, somente comer e folgar.”<sup>80</sup>

Esta situação ocorria porque se tratava de mulheres fidalgas, cuja categoria social as inibiria de trabalhos domésticos, comuns a gente de baixa condição.

Também neste último aspecto estudado Barbosa se destaca nas referências à sociabilidade feminina, enunciando o recatamento da mulher nos reinos referidos e salientando o gosto pela música e pela dança nos momentos de diversão.

Pires, mais contido nas referências, relata igualmente o gosto pela dança e regista o destaque que as actividades de lazer tinham na vida das mulheres das castas superiores.

---

<sup>80</sup> Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa ...*, p.110

## 6- Análise ao masculino

Debruçámo-nos até agora, e é essa a essência do nosso estudo, na visão dos autores sobre o feminino. Entendemos, contudo, que para uma mais completa análise nos falta investigar como é que Pires e Barbosa viram o homem.

Fazendo a leitura dos dois textos quinhentistas sob os pontos de vista feminino e masculino, isto é, perscrutando as imagens que os autores nos dão sobre a mulher e sobre o homem, constatamos imediatamente a preponderância da análise ao masculino. Os nossos autores fazem copiosas referências ao homem, aos seus traços físicos, ao vestuário que envergavam, aos adornos usados e, sobretudo, são notórias as múltiplas alusões às actividades e papéis desempenhados pelos varões.

N’*O Livro* de Duarte Barbosa, abunda a descrição do aspecto físico do homem.<sup>81</sup> Em *Zimbaoche* adjectiva os gentios de homens *bestiaes*, no reino de *Ormuz* designa os mouros de *gentis-homens*, na cidade de *Ormuz* diz que são *fermosos*. Em *Bisnaga* diz os homens são de boa estatura, com feições semelhantes às nossas.

Por seu turno, Pires relata que os gentios do reino de *Siam* são *grandes*, predominando assim a adjectivação que pretende evidenciar a estatura masculina forte.

Relativamente à cor da pele são enumeradas, pelos dois autores, mais vezes do que para a mulher a cor preta e baça, embora também seja muitas vezes referida a cor branca e *quase* branca. Por exemplo, Pires diz que os homens da *Persia* são da nossa cor e feições, enquanto as habitantes do Malabar são baços e pardos e os da China são brancos como nós. Nota-se o cuidado em diferenciar os traços físicos relativamente aos europeus ou, pelo contrário, em os assemelhar, conforme os casos, para uma cabal compreensão do leitor.

---

<sup>81</sup> Confrontem-se os quadros X e XI com as referências aos traços físicos masculinos e à cor da pele do homem.

Há também várias referências ao tipo de penteado usado e, particularmente Barbosa, faz alusão à higiene praticada pelos homens muito relacionada com rituais específicos de purificação.

Quanto ao vestuário, Barbosa faz longas exposições sobre a indumentária masculina, desde o nu, várias vezes referido pelo autor na costa africana, até ao *bem ataviado*, expressão usada já para os gentios de *Quiloa* e várias vezes repetida ao longo dos percursos descritos. A explanação sobre o vestuário é mais pormenorizada do que para a mulher, não esquecendo o uso de jóias.

Pires menciona que os:

*“ homens da China vestem panos pretos d’algodão, asi como nós, somente sam muito largos (...) Callçam callças com sapatos framçeses de pomta muito bem feitos ”.*<sup>82</sup>

Nesta última referência, uma vez mais, o ponto de vista é eurocêntrico, a analogia é sempre feia com o conhecido. Do relato aturado dos autores percebe-se a grande variação no traje ao longo das paragens enumeradas.

Pires reporta que os:

*“ Pegus trazem sempre do betele negros os demtes. ”*<sup>83</sup>

A referência ao uso de *betele* pelos homens é cuidadosamente anotada pelos dois autores em vários locais e esta é uma particularidade que nunca é referenciada para a mulher.

---

<sup>82</sup> Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa ...*, p.145.

<sup>83</sup> Rui Manuel Loureiro, *O Manuscrito de Lisboa ...*, p.134.

## Quadro X - Referências aos traços físicos masculinos

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>homens bestiaes</i> (Sousa:68)		<b>Zimbaoche</b>
<i>os homens são gentis-homens</i> (Sousa:138)		<b>Ormuz</b>
<i>“fermosos e mui bem apessoados, gordos e viçosos”</i> (Sousa:151)		<b>cidade de Ormuz</b>
	<i>Sam homens de noso corpo e feição.</i> (Loureiro:66)	<b>Persia</b>
<i>“São homens de boas estaturas e de nossas próprias feições e felosomia.</i> (Sousa:60)		<b>Bisnaga</b>
	<i>Sam homens grandes.</i> (Loureiro:135)	<b>Siam</b>
<i>São homens grandes e gentis-homens (...) e teem os olhos mui pequenos.</i> (Sousa:411-412)		<b>China</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

### Quadro XI - Referências à cor da pele do homem

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>homeins pretos</i> (Sousa:59)		<b><i>Monomotapa</i></b>
<i>São homens brancos e baços e pretos</i> (Sousa:72)		<b><i>Mombaça</i></b>
<i>“Homens são pretos.”</i> (Sousa:94)		<b><i>Macuá</i></b>
<i>Homens são brancos.”</i> (Sousa:138)		<b><i>Ormuz</i></b>
<i>Homens são muito alvos</i> (Sousa:151)		<b><i>cidade de Ormuz</i></b>
	<i>Sam homens de nosa cor.</i> (Loureiro:66)	<b><i>Persia</i></b>
<i>Os naturaes da terra são homensbrancos</i> (Sousa:208)		<b><i>Cambaia</i></b>
<i>Os mouros são brancos</i> (Sousa:226)		<b><i>Reinel</i></b>
	<i>“A gente hé preta e baça e parda. (Loureiro:104)</i>	<b><i>Malabar</i></b>
	<i>Sam homens baços.</i> (Loureiro:135)	<b><i>Sião</i></b>
<i>São homens brancos.</i> (Sousa:411-412)	<i>He gente branca da nosa aluura (Cortesão:252)</i>	<b><i>China</i></b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

É ainda Pires que retrata cuidadosamente os traços psicológicos, quando expressa que a:

*“gente de Pegu hé mansa fora da sua pátria; em sua terra dizem que hé soberba.”*<sup>84</sup>

Copiosas são as alusões aos diferentes e preponderantes papéis desempenhados pelos homens em diversos âmbitos<sup>85</sup>: militar, social, económico, profissional e, sobretudo, político. Barbosa assinala os homens de vários reinos – *Monomotapa, Maçua, Preste João, Ormuz, Malabar* – como bons guerreiros, com destaque especial para a elite guerreira do Malabar, os *naires*, não deixando de referir actividades como as de caçador e comerciante. Igualmente Tomé Pires destaca os homens que se dedicam à guerra em diversos locais como por exemplo *Ormuz, Cambaia, Malabar, Bisnaga, Bengala, Canarim*, ressaltando que, nesta terra, os arcos usados pelos soldados eram semelhantes aos usados em Inglaterra. Também ele salienta o exímio papel guerreiro dos *naires* do *Malabar*. *Os dois escrivães* fazem uso constante do adjectivo *bom* e, também, do adjectivo *grande* para reforçar a boa preparação e o excelente desempenho masculino na arte de guerrear. As funções militares, por excelência apanágio do homem, são abundantes, porque a guerra era uma constante nestas paragens.

No reino de *Cambaia* Barbosa reporta que os *bramenes* são sacerdotes, esta mesma referência é feita para o reino de *Calecut*. Também em *Cambaia e Goa* destaca os mercadores ricos. Seguidamente refere as outras castas inferiores e as respectivas profissões exercidas e que estavam fundamentalmente relacionadas com os ofícios manuais.

---

<sup>84</sup> Idem, p.134.

<sup>85</sup> Veja-se o quadro XII com as referências aos papéis desempenhados pelos homens.

**Quadro XII - Referências aos papéis desempenhados pelo homem**

<b>Barbosa</b>	<b>Pires</b>	<b>Locais</b>
<i>Eles são homens de guerra e outros grandes mercadores (Sousa:60)</i>		<b>Monomopata</b>
<i>São bons homens de peleja. (Sousa:94)</i>		<b>Maçua</b>
<i>os homens são bons cavaleiros e grandes monteiros e caçadores.(Sousa:97)</i>		<b>Preste João</b>
<i>são mui bons frecheiros (Sousa: 140)</i>	<i>A gente hé de peleja, de boas armas. (Loureiro:62)</i>  <i>elrei hé grandemente rico. (Loureiro:63)</i>	<b>Ormuz</b>
<i>mouros e gentios que são grossos mercadores. (Sousa:174)</i>  <i>Nesta cidade há muitos mercadores ricos e assi há muitos gentios de grandes fazendas e tambem muitos officiaes mecanicos. (Sousa:208)</i>  <i>Há nela muitos estrangeiros mercadores, que são homens mui ricos. (Sousa:209)</i>  <i>Bramenes são entr'eles sacerdotes (Sousa:183)</i>  <i>El-rei de Cambaia é mui grãosenhor de gentes, rendas e tesouros; tem muita terra e mui rica. (Sousa:187)</i>	<i>Sam cavaleiros, tem/muita artelharia e toda a monição de gerra. (Loureiro:77)</i>  <i>sam bramenes, homens dados à religiam e outros sam mercadores. (Loureiro:80)</i>  <i>os Gozarates sam homens diligentes e mui soltos no trato, contão per algarismo como nós e com nosas próprias letras. (Loureiro:83)</i>  <i>os Gusrates forão os milhores homens de mar.(Loureiro:86)</i>  <i>O Rei tem em sua estrabaria trezentos cavalos, que mantem hà custa das remdas da terra. (Loureiro:78)</i>	<b>Reino de Cambaia</b>
<i>Mui ricos mercadores. (Sousa:26)</i>	<i>há muitos gentios (...) de grandes fazendas, na amaão dos quaes jas casi todo o trato e reino. (...)</i> <i>Á homens fidalgos e de muita gente e terra.(Loureiro:97)</i>	<b>Goa</b>
	<i>São homens exercitados nas armas, asi no mar</i>	<b>Canarim</b>

	<i>como na terra. (Loureiro:99)</i>	
	<i>“Ouve sempre nela monarcas e grandes senhores. (...) Os homens são monteiros e casadores.(Loureiro:67)</i>	<b>Persia</b>
<i>“homens muito bons archeiros; seus arcos são compridos à maneira dos de Inglaterra. (Sousa: 33)</i>		<b>Cintacora</b>
<i>El-rei jace com uns grandes e ricos paços, de muitos pátios.(Sousa:55)</i>  <i>El-rei descarrega o seu governo e justiça em seus regedores. (Sousa:59)</i>  <i>El-rei vem estar com os governadores oficiaes (...) e ali o vem ver todos os grandes seus vassalos. (Sousa:66)</i>	<i>È este rei guerreiro (...) bem acompanhado de fidalgos, tem grandes senhores consiguio. (Loureiro:102)</i>	<b>Bisnaga</b>
<i>Os naires não teem outro officio senam pelejar. (Sousa:164)</i>  <i>Mercadores gentios naturaes da terra que chamam brabares. (Sousa:193)</i>	<i>Averá duzemos mill naires, homens de peleja d'espada e adarga e frecheiros.(Loureiro:104)</i>  <i>Bramines sam sacerdotes. (Loureiro:105)</i>  <i>Os mercadores sam mouros e sam grandes mercadores. (Loureiro:121)</i>	<b>Malabar</b>
	<i>Tem muitos mercadores e grandes e ricos. (...) Há muitos espingardeiros e frecheiros, naires d'espada e adarga. (Loureiro:115)</i>	<b>Cananor</b>
<i>Mercadores ricos. (Sousa:322)</i>	<i>“ O rei hé mouro, homem de peleja, tem grande nome amtre os mouros. (Loureiro:123)</i>	<b>Bengala</b>
	<i>Hé rei rico e gram senhor. (Loureiro: 118)</i>	<b>Caicoulão</b>

<p><i>Bramenes que são anitre eles sacerdotes.</i> ( Sousa:157)</p> <p><i>Estes bramenes são letrados de suas edolatrias e teem delas muitos livros; são homens que sabem muitas artes e os reis teem por letrados.</i>(Sousa:163)</p>		<b>Calecute</b>
	<p><i>O rei hé gram senhor e muito temido, tem grandisimo numero de gente de cavalo e d'alifantes de peleja.</i> (Loureiro:125)</p>	<b>Deli</b>
	<p><i>Os Pegus são bons trabalhadores e de grande força</i> (Loureiro:134)</p>	<b>Pegu</b>
	<p><i>os mercadores sam muito emsinados na mercancia.”</i> (Loureiro:135)</p>	<b>Sião</b>
	<p><i>os homens sam cavaleiros, tem cavalos e alifantes.</i> (Loureiro:140)</p>	<b>Brema e Jamgoma</b>
	<p><i>O rei de Cambojaa e gentio, cavaleiro e a sua gente é guerreira e nesta terra se queimão os senhores por morte d'el rei.</i> (Loureiro:141)</p>	<b>Cambojaa</b>
	<p><i>O rei hé gentio, hé senhor de grande terra e gente.</i> (Loureiro:145))</p>	<b>China</b>

(Todas as citações são retiradas das edições já referidas do *Livro das Coisas da Índia* e da *Suma Oriental*)

Acabadas de analisar as castas do *Malabar* refere-se aos gentios estrangeiros que também apresenta como mercadores muito ricos.

Evidentemente que também Tomé Pires na *Suma* faz várias referências às actividades profissionais, com especial destaque para as actividades mercantis, facto que claramente se entende se tivermos presente que este autor é guiado, na sua análise, pelo vector económico. Na *Persia* cita os monteiros e nos reinos de *Goa, Malabar, Cananor Cambaia e Sião* repete a alusão à importância dos ricos mercadores. Aliás, ao falar dos gentios comerciantes de *Cambaia* reporta que eles são muito activos e que usam os algarismos e a mesma escrita dos portugueses.

As menções a *grandes mercadores* ou *mercadores mui ricos* são referenciadas para vários lugares, o que demonstra, por um lado a importância do comércio nestas paragens e, por outro, o papel activo e preponderante desempenhado pelo homem na mercancia. O uso frequente do adjectivo *rico* reforça a abundância dos lugares e, especificamente, daqueles que se dedicavam ao trato.

Contudo, é a alusão ao desempenho masculino de funções políticas que perpassa todo o texto, funções que são unicamente desempenhadas por homens. A referência à função real desempenhada sempre no masculino e àqueles (homens) com quem os soberanos partilhavam o poder, ainda que a um nível subalterno, é constante em expressões utilizadas pelos dois escrivães. A frase *o rei é um rico e poderoso senhor* é várias vezes repetida pelos dois autores quinhentistas para caracterizar o poder do monarca em lugares tão diferentes e dispersos como *Cambaia, Bisnaga*<sup>86</sup>, *Ormuz*<sup>87</sup>, *Persia, Cochim, Bemgala, Deli e China*.

---

<sup>86</sup> Este grande império hindu era o mais extenso e poderoso da altura.

<sup>87</sup> A cidade de Ormuz era um dos entrepostos mais ricos do mundo. Quase todo o comércio entre a Índia e a Pérsia era escoado através dela, o mesmo acontecendo com grande parte do comércio das especiarias da Indonésia e dos cavalos da Arábia.

O uso constante, quando falam de reis e senhores, dos adjetivos *grande, poderoso e rico* é uma forma de espelhar o poder e a opulência de muitos destes soberanos e dos seus reinos.

Desta pesquisa fica clara a distinção homem *versus* mulher. A realidade do homem não era a mesma da mulher, partilhavam o mesmo espaço mas o *modus vivendi* era distinto. Não podemos esquecer que o olhar é masculino e que o mundo de então é dominado pelo masculino. Nota-se que os dois escrivães relatam amiudadas vezes a posse de propriedade por parte dos homens, quer sejam terras, casas ou outros bens, relato que não acontece nas referências relativas à mulher. Ao homem cabiam evidentemente todas as funções de chefia, de poder político e âmbito militar, Todos os lugares proeminentes na escala social e a grande maioria das profissões. Este era, de facto, um mundo de contornos marcadamente masculinos e, por esse facto, devemos realçar, uma vez mais, o grande contributo dos nossos dois autores que, apesar deste domínio evidente, não se inibiram de referenciar a mulher e deixarem-nos assim conhecer a realidade feminina.

## Conclusão

Aquando da elaboração do projecto de dissertação propusemo-nos responder ao seguinte problema de investigação:

“Qual é o retrato da mulher asiática na escrita quinhentista (1511-1516) de Duarte Barbosa n’*O Livro das Coisas da Índia* e de Tomé Pires n’*A Suma Oriental*? Existe similitude e/ou divergência no seu discurso sobre o feminino?”

Assim, nesta dissertação era nosso objectivo encetar por um estudo de caso, investigando sobre a forma como os dois autores fizeram a análise, ainda que não deliberada, nem específica, do universo feminino oriental, averiguando as similitudes e/ou as divergências dos seus registos, elaborando um estudo comparativo da análise ao feminino n’*A Suma Oriental* e n’*O Livro das Coisas da Índia*.

Terminado o nosso estudo concluímos que existe, como vimos, similitude e divergência no discurso de Barbosa e de Pires.

Existe similitude, porque ambos se debruçam sobre o Oriente e relatam o que viram e ouviram e fazem-no geralmente com imparcialidade, revelando grande conhecimento da realidade oriental, comparando-a amiudadas vezes com a realidade europeia para uma melhor compreensão de quem lê, por isso se pode afirmar que o olhar eurocêntrico do confronto com o *Outro* está sempre presente nos dois autores.

Podemos, contudo, concluir que existe diversidade nos dois discursos, desde logo porque, enquanto Tomé Pires dedica a *Suma* ao rei D. Manuel, fundamentalmente pretendia ser uma leitura útil, Duarte Barbosa ofereceu o seu livro a todos os que desejassem informar-se sobre o Oriente. A sua escrita pode ser entendida como uma espécie de guia para todos aqueles que desejavam percorrer estas terras em missões oficiais ou particulares, onde o comércio teria papel central.

Consideramos que é precisamente o fascínio pela orientalidade que faz da obra de Duarte Barbosa um verdadeiro tratado de costumes, o seu discurso é riquíssimo de pormenores quando retrata usos e rituais religiosos.

Já na obra de Pires, podemos dizer que o discurso antropológico se empobrece na asfíxiante presença do económico. Desta forma, a *Suma* desenha sobretudo uma geografia económica. Para lá da classificação religiosa, procura-se fazer uma análise socioprofissional e verificar se determinado reino tem uma maior vocação guerreira ou mercantil, conhecimento essencial para o sucesso das trocas comerciais. Mais que um saber religioso-filosófico, Tomé Pires procurava saber a alteridade de modo utilitário. É por este facto, que diferencia as duas obras e os dois autores, que o discurso de Barbosa é muito mais rico e abundante de descrições relativas à mulher, à sua aparência, aos costumes, à sexualidade, aos rituais.

Dando cumprimento ao nosso estudo, abrimos o primeiro capítulo com a relevância das obras dos autores Duarte Barbosa e Tomé Pires na escrita de viagem quinhentista, seguidamente demos a conhecer os percursos biográficos de Barbosa e Pires, verificando que foram contemporâneos e, apesar de não terem percorrido exactamente os mesmos espaços, os seus destinos entrelaçaram-se muitas vezes.

A terminar este primeiro capítulo abordámos a questão que é fundamental ao nosso estudo: a visão comparatista das obras: a *Suma Oriental e o Livro das Coisas da Índia*, verificamos que existe alguma similaridade e, também, discrepância na apresentação das obras. Concluimos que Duarte Barbosa faz um relato de todos os reinos onde esteve ou de que teve informações fidedignas, essa relação inclui uma esmerada descrição dos usos de mouros e gentios, não esquecendo a relevância das actividades mercantis. Identicamente Tomé Pires descreve as vastas regiões que visitou, ou de que teve conhecimento, destacando especialmente a importância do comércio nessas paragens. As duas obras diferem no vector que é a espinha dorsal de cada uma, n' *O Livro das Coisas da Índia* perpassa o vector analítico de pendor etnográfico, como

muito bem assinalou Joan-Pau Rubiés e nós já referimos atrás, na *Suma Oriental* é evidente a ênfase no vector económico.

No capítulo segundo entrámos na análise da temática que nos propusemos tratar: a mulher asiática, procurando perscrutar a visão convergente e/ou divergente de Duarte Barbosa e de Tomé Pires, em diversas facetas femininas. Verificamos a grande atenção que os dois autores deram à aparência feminina, desde a cor da pele, quase sempre *alva* e a *formosura* que não se cansam de relatar, aos usos revelados no traje e nos ornamentos. Notámos que Barbosa é mais descritivo destes pormenores do que Pires. Também os costumes sexuais seguidos nos variadíssimos locais percorridos foram alvo de exaustiva análise pelos nossos autores, dando especial destaque ao uso constante da poligamia que, reiteradas vezes, confrontaram com os costumes europeus, porque a visão presente foi sempre eurocêntrica. Não deixaram, identicamente, de expor sobre as diferentes aprendizagens e tarefas executadas pelas mulheres asiáticas, referências estas mais frequentes n' *O Livro* de Duarte Barbosa.

Os dois viajantes deram particular relevo aos diferentes papéis que a mulher desempenhava como esposa, *manceba*, viúva, mãe ou irmã, revelaram-se atentos ao saliente papel social e político possuído pela mulher nas castas superiores, realçaram a liberdade sexual de que esta desfrutava e assinalaram essa divergência relativamente à condição da mulher europeia, também não deixaram de sublinhar novamente o uso comum da poligamia.

A finalizar esta análise sobre a mulher fizemos alusão ao relevo que os autores, especialmente Barbosa, deram à descrição dos ricos e complexos rituais e a representação que neles tinham as mulheres, com destaque para os cerimoniais religiosos e funerários, em particular o *sati*.

Percebendo claramente, pelo estudo das obras, que elas não tratam preferencialmente, nem especialmente, da mulher, entendemos dedicar um último ponto para uma atenta observação da visão dos autores sobre o masculino. Esta análise ou reanálise permitiu-nos ver com exactidão a visão sobre o género feminino, uma vez que podemos comparar as duas

visões: sobre o masculino e sobre o feminino, concluindo que é esmagadora a descrição relativa ao homem. São de salientar as referências exaustivas aos homens enquanto proprietários de vastos bens, detentores de poder político-militar (reis e vassallos) e de lugar de destaque na pirâmide social e familiar. Compreende-se que seja assim, estamos a fazer a leitura de textos quinhentistas, escritos por homens que têm do mundo que conheciam, antes de partirem de Lisboa e do mundo que passam a conhecer depois da viagem até terras orientais, uma visão marcadamente masculina, porque o mundo de então era claramente dominado pelo género masculino.

No entanto, neste nosso estudo pretendemos, especificamente, revelar as imagens que estes portugueses, fascinados pelo Oriente, nos deram da mulher asiática nas suas várias facetas: no quotidiano, nas esferas privada e pública, a função que desempenhava na hierarquia social. Concluimos que estes autores de Quinhentos, nos extensos relatos que nos legaram, não esqueceram os papéis femininos e souberam apresentá-los aos seus leitores. A partir das suas perspectivas podemos nós hoje ver a mulher como participante activa da História.

Longe de nós a pretensão de termos feito um estudo exaustivo sobre as duas obras, registamos apenas uma análise comparatista da *Suma Oriental* e do *Livro das Coisas da Índia*, tendo em conta um estudo de género que nos guiou.

A riqueza informativa patente nas duas obras legitima a continuação da investigação, nomeadamente a análise pormenorizada da estrutura das duas obras ou das razões que justificaram o interesse e a sua tradução além fronteiras. Esse será o nosso propósito futuro.

## **Fontes Impressas**

### **- *O Livro de Duarte Barbosa:***

*Edição crítica e anotada do Livro de Duarte Barbosa*, Maria Augusta da Veiga e Sousa, Vol.I e II, Lisboa, Ministério da Ciência e Tecnologia, Instituto de Investigação Científica e Tropical

### **- *A Suma Oriental de Tomé Pires:***

*A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Armando Cortesão, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1978

*O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires (Contribuição para uma edição crítica)*, Rui Manuel Loureiro; Macau, Instituto Português do Oriente, 1996

## **Bibliografia consultada**

- Albuquerque, Luís de (dir.). *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, 2 vols, Lisboa, Editorial Caminho, 1994
  
- Albuquerque, Luís de, (et al) *O Confronto do Olhar: o encontro dos povos na época das navegações*, Lisboa, Caminho, 1991.
  
- Avelar, Ana Paula Menino, *Figurações da alteridade na Cronística da Expansão*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003
  
- -----, *No discurso da História – O pulsar dos Mares*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003 (cd-rom)
  
- -----, *Visões do Oriente: formas de sentir no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2003
  
- Barbosa, Duarte, *O Livro de Duarte Barbosa, Introdução e Notas de Neves Águas*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1992
  
- Barreto, Luís Filipe, *Caminhos do Saber no Renascimento Português: Estudos de história e teoria da cultura*, Lisboa, INCM, 1986
  
- -----, *Em torno de Duarte Barbosa – Novos dados biográficos*, Brotéria, vol.III, nº5, Lisboa, 1980
  
- -----, *Lavrar o Mar: os portugueses e a Ásia*, Lisboa, Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000
  
- -----, *Os Descobrimentos e Saber: formas de ser e de pensar nos séculos XV e XVI*, 2ª edição, Lisboa. INCM, 1986

- Bethencourt, Francisco e Kirti Chaudhuri, *História da Expansão Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1998
  
- Boxer, Charles; *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica*, Livros Horizonte, 1977
  
- -----; *O Império Colonial Português (1415-1825)*, Edições 70, 1977
  
- Cortesão, Armando; *Primeira Embaixada Europeia à China*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1990
  
- Costa, João Paulo Oliveira e; *Do sonho manuelino ao realismo joanino – Novos documentos sobre as relações luso-chinesas na terceira década do século XV*, Studia, Lisboa, nº50, 1991
  
- Cristóvão, Fernando (coord.). *Condicionantes Culturais da literatura de Viagens. Estudos e Bibliografia*, Lisboa, Cosmos/CLEPUL, 1999
  
- Dias, José Sebastião da Silva, *Os Descobrimentos e a problemática Cultural do Século XVI*, Imprensa Universitária, Coimbra, 1973
  
- Duby, Georges e Perrot, Michelle; *História Das Mulheres no Ocidente*, vol. 3 - *Do Renascimento à Idade Moderna*, Porto, Edições Afrontamento, 1991
  
- Falcão, Ana Margarida, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (org.). *Literatura de Viagem, Narrativa, História, Mito*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997
  
- Godinho, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1883

- Góis, Damião de, *Cronica de Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1949

- Loureiro, Rui Manuel; *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires (Contribuição para uma edição crítica)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996

-----; *A China na Cultura Portuguesa do Século XVI-Notícias imagens e vivências*, Vol.I, Lisboa, 1994-95

- Marques, Alfredo Pinheiro; *A Historiografia dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Coimbra, Minerva, 1991

- Reis, Eduardo, *O Noticiário das Índias – Duarte Barbosa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1948

- Rubiés, Joan-Pau, *Travel and Ethnology in the Renaissance: South India through European Eyes, 1250-1625*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000

- *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa. Congresso Internacional Realizado em Lisboa, Portugal, 21-25 de Novembro de 1994*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995

- Santos, João Marinho dos; *Os Portugueses em Viagem pelo Mundo. Representações Quinhentistas de Cidades e Vilas*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1996

